



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PRÁTICAS CLÍNICAS E SAÚDE MENTAL**

Geovana Machado da Silva

**MULHERES TRABALHADORAS DO COMÉRCIO: PERSPECTIVAS E
VIVÊNCIAS**

Santa Cruz do Sul
2023

Geovana Machado da Silva

**MULHERES TRABALHADORAS DO COMÉRCIO: PERSPECTIVAS E
VIVÊNCIAS**

Trabalho final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado Profissional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Linha de pesquisa: “Práticas Sociais, Organizações e Cultura”, como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Edna Linhares Garcia

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Karine Vanessa Perez

Santa Cruz do Sul
2023

Geovana Machado da Silva

**MULHERES TRABALHADORAS DO COMÉRCIO: PERSPECTIVAS E
VIVÊNCIAS**

Esse trabalho final foi submetido ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia – Mestrado Profissional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Linha de pesquisa: “Práticas Sociais, Organizações e Cultura”, como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em ____ de _____ de 2023:

Dra. Edna Linhares Garcia
Professora Orientadora – UNISC

Dra. Karine Vanessa Perez
Professora Coorientadora – UNISC

Dra. Cristiane Redin Davina
Professora Examinadora – UNISC

Dra. Carmem Regina Giongo
Professora Examinadora – UNISC

Santa Cruz do Sul
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Geovana Machado da
Mulheres trabalhadoras do comércio: perspectivas e vivências /
Geovana Machado da Silva. – 2024.
60 f. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia) –
Universidade de Santa Cruz do Sul, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Edna Linhares Garcia.
Coorientação: Profa. Dra. Karine Vanessa Perez.

1. Trabalho. 2. Saúde da Mulher. 3. Varejo. I. Garcia, Edna
Linhares . II. Perez, Karine Vanessa . III. Título.

“A NUVEM, O CASTELO E O TEMPO”

Embora eu aprecie grandes desafios, este, muitas vezes, me faz paralisar. Em alguns momentos, não entendia qual era o caminho a ser percorrido, não conseguia visualizar o mapa até a chegada final - o que, metaforicamente falando, assemelhava-se a uma nuvem imensa e nublada na qual eu olhava e pensava: “o que tem ali?”, “será que vai chover?”.

Minha produção passou por vários momentos e, como um castelo de areia, parecia desmanchar. Com muita paciência e entendimento, buscava recomeçar. Outro dia, entre um atendimento e outro, li uma frase que me remeteu à minha dificuldade de escrever, que dizia:

“Que a gente compre muitos livros, mas também compre o tempo para lê-los.

Saliento: “Como queria ter mais tempo para a dedicação de escrever.”

(Geovana Machado da Silva)

AGRADECIMENTOS

Uma vez, me vi envolvida por uma ilusão e não sabia como lidar com ela. Poderia simplesmente tê-la deixado partir, mas não o fiz; não permiti. E jamais permitirei. Nenhuma ilusão atravessará meu caminho sem que eu a agarre como se fosse a derradeira existência no mundo, destinada a ser minha. A ânsia de vivenciar todas as ilusões que a vida pode me proporcionar é o combustível que alimenta minha existência.

Começo meus agradecimentos expressando minha gratidão à minha querida orientadora, a professora Dra. Edna Linhares Garcia, por sua paciência e pelas valiosas lições que aprendi ao longo deste percurso. Sou grata por tê-la como mentora, uma pessoa tão alegre, atualizada e que foi essencial na construção deste belo trabalho.

Agradeço profundamente à minha coorientadora, Dra. Karine Vanessa Perez, que, com sua paciência, doçura e sabedoria, me auxiliou com seus conselhos e seu conhecimento na área do Trabalho em Psicologia. Ela sempre foi minha referência na faculdade, e minha admiração por ela cresceu ainda mais durante o nosso processo de construção teórica juntas.

Agradeço ao meu setor de apoio, o setor administrativo da minha empresa, que me deu suporte nos momentos em que precisei me ausentar e ainda me ajudou com as demandas necessárias. Uma equipe excepcional que me orgulha todos os dias: Thielle, Luana, Clarissa, Érica e Monique, podem sempre contar comigo.

Às mulheres trabalhadoras do comércio de Montenegro, que me ajudaram na etapa das entrevistas com entusiasmo e muita paciência. Afinal, a entrevista exigia reflexão e nem sempre é tão fácil.

Agradeço também às mulheres que participaram do meu grupo focal, que se dedicaram a participar da atividade à noite no Sindilojas de Montenegro.

Aos meus amigos, especialmente ao Marcos Andrade, que me auxiliou na criação do meu produto técnico dentro deste contexto tecnológico, que somente ele poderia dar vida. Ele é a pessoa mais inteligente e entusiasmada com tecnologia que já conheci. Com certeza, ele terá todo o sucesso que merece.

À professora Dra. Cristiane Redin, que me apoiou no início da pesquisa e me deu muitas dicas e estratégias para que eu conseguisse concluir o mestrado. A "prof. Cris" é uma inspiração sobre como ser professora. Ela acolhe, orienta e ensina com paixão.

À minha família, que desde a infância me incentivou a estudar, ler e perseguir meus sonhos, e o mais importante, me fez acreditar que eu podia ser e fazer qualquer coisa que desejasse, sem medo de nada nem de ninguém.

Ao meu parceiro, companheiro, colega de trabalho e grande amigo, Guilherme, que sempre me incentivou a crescer e progredir, que me apoiou nas minhas dificuldades e fragilidades ao longo do caminho. Gratidão por tudo.

Aos meus animais de estimação, que me faziam companhia durante os longos períodos de escrita e acalmavam meu coração diante dos desafios vividos.

Aos professores do PPGPsi, por todas as orientações, ensinamentos e pelo aprendizado que me proporcionaram. Foram e sempre serão referências em minha vida pessoal e profissional.

Aos meus colegas de mestrado, que foram fantásticos. Em nenhum momento pensei que pudéssemos nos encaixar tão bem como turma. Alegria, tristeza, raiva, amor... compartilhamos muitos sentimentos, mas o mais importante: tudo deu certo!

RESUMO

As mulheres têm conquistado espaço e participação no mercado de trabalho, e, desta forma, elas vêm optando por novos modelos de trabalho que vão além de serem apenas as “donas do lar” ou responsáveis pela criação dos filhos. No entanto, para alcançar essa conquista, muitas mudanças ocorreram e ainda são necessárias outras, tanto na sociedade quanto na rotina da mulher. Para tanto, faz-se necessário repensar o lugar da mulher no contexto do trabalho. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar como as mulheres do comércio varejista da cidade de Montenegro/RS percebem a relação que estabelecem com o mundo do trabalho na contemporaneidade. Esta discussão parte dos resultados de uma pesquisa realizada a partir do Mestrado Profissional em Psicologia, através da linha de pesquisa “Práticas Sociais, Organizações e Cultura”, da Universidade de Santa Cruz do Sul, caracterizada como qualitativa e descritiva exploratória. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individuais com doze mulheres trabalhadoras do comércio varejista da cidade de Montenegro/RS. Por meio desta investigação, foi possível perceber que o aumento das creches e a participação dos cônjuges nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos possibilitaram às mulheres buscar um trabalho “visível”. As mulheres buscam pela sua liberdade através do trabalho, questionando as amarras sociais pelas quais ainda são muito julgadas em virtude da maternidade e demais estigmas. É evidente que o comércio varejista passou por transformações substanciais. Contudo, persiste a percepção arraigada de que esse setor é predominantemente destinado às mulheres, uma visão que as associa a características como simpatia, flexibilidade e delicadeza. Embora muitas mulheres encontrem no comércio varejista uma oportunidade para buscar independência financeira, aproveitando a flexibilidade oferecida em termos de experiência profissional, é crucial reconhecer que a intensa carga horária presente nesse cenário pode comprometer a tão almejada liberdade. A dualidade entre a busca pela independência financeira e a sobrecarga de trabalho destaca um desafio significativo enfrentado por muitas mulheres que escolhem essa trajetória profissional. Portanto, é imperativo que a sociedade reavalie e desfaça estereótipos de gênero, reconhecendo a diversidade de habilidades e interesses das mulheres. Além disso, medidas que promovam a igualdade de oportunidades e condições de trabalho equitativas são essenciais para garantir que o comércio varejista e outros setores não perpetuem desigualdades de gênero. Somente assim será possível criar um ambiente profissional onde as mulheres possam verdadeiramente prosperar, alcançando sua independência sem comprometer a qualidade de vida almejada.

Palavras-Chaves: Trabalho; Saúde da Mulher; Varejo.

ABSTRACT

Women have been gaining space and participation in the workforce, opting for new work models beyond traditional domestic roles. However, achieving this progress necessitates societal and personal changes. Thus, rethinking women's place in the context of work becomes imperative. This study aims to analyze how women in the retail sector of Montenegro/RS perceive their relationship with the contemporary workforce. Drawing from research conducted within the Professional Master's Program in Psychology, under the research line "Social Practices, Organizations, and Culture" at the University of Santa Cruz do Sul, this qualitative, exploratory study involved semi-structured interviews with twelve female retail workers in Montenegro/RS. Findings reveal that increased availability of childcare and spouses' involvement in domestic tasks enabled women to pursue more visible employment. Women seek freedom through work, challenging societal norms tied to motherhood and other stereotypes. Despite substantial transformations in the retail sector, the entrenched perception of it being predominantly for women persists, associated with traits like friendliness, flexibility, and gentleness. While many women see retail as a path to financial independence due to its professional flexibility, the intense workload can compromise this aspiration. The dual challenge of pursuing financial independence while managing work overload underscores the significant dilemma faced by women in this profession. Therefore, it is imperative for society to reassess and dismantle gender stereotypes, recognizing the diverse skills and interests of women. Additionally, measures promoting equal opportunities and equitable working conditions are essential to ensure that the retail sector and other industries do not perpetuate gender inequalities. Only then can a professional environment be created where women can truly thrive, achieving independence without sacrificing their desired quality of life.

Keywords: Work; Women's Health; Retail.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O MUNDO DO TRABALHO E AS MULHERES	13
2.1 A centralidade do Trabalho.....	14
2.2 A mulher contemporânea e o trabalho	15
2.3 Gênero e desigualdades	16
2.4 Covid-19, trabalho e mulheres	20
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1 Entrevista Semiestruturada.....	22
3.2 Grupo Focal.....	23
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
4.1 Análise das Entrevistas	24
4.1.1 O significado de trabalho para as mulheres.....	24
4.1.2 (Des)igualdade de gênero	27
4.1.3 As mulheres o trabalho e a maternidade.....	28
4.1.4 O comércio varejista e as mulheres.....	30
4.2 Pesquisa e intervenção: grupo focal.....	32
4.2.1 Proposta do encontro.....	34
4.2.2 Associação-livre de palavras.....	35
4.2.2.1 Dispositivos utilizados	35
4.2.2.2 Falas das participantes.....	35
4.2.2.3 Sobre as dificuldades	35
4.2.2.4 Maridos que apoiam.....	36
4.2.2.5 Mãe, mulher, maternidade e identidade.....	36
4.2.2.6 Mulher não é rocha, ela cansa e precisa de ajuda	36
4.2.2.7 Desconstruindo: resistência ao estigma de gênero.....	37
4.2.3 Múltiplas faces de mim.....	38
4.2.3.1 Dispositivo utilizado	38
4.2.3.2 A mulher que quero ser.....	38
4.2.3.3 A mulher que querem que eu seja.....	39
4.2.3.4 A mulher que sou.....	40
4.2.4 Sincronizando passos.....	41
4.2.4.1 Dispositivos utilizados	41
5 APRESENTAÇÃO DO ARTIGO	43

6 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO.....	44
6.1 Sobre o site	45
6.2 Benefícios do site “mulheres na rede”	45
6.3 Etapas de construção do site conforme a criadora (terceira) já está produzindo	47
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE A – Termo de Consentimento para Responsabilizado	56
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista	58
ANEXO A – Carta de Apresentação.....	59
ANEXO B - Atestado de horas de intervenção	60
ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP	61

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Organizacional e do Trabalho sempre foi o foco central dos meus estudos, buscas, aprendizados e experiências, e após percorrer um longo caminho nessa área, torna-se difícil considerar mudar de direção. Este campo envolve inúmeras discussões pertinentes e apaixonantes, afinal, é onde passamos a maior parte de nossas vidas - trabalhando.

Com mais de doze anos de atuação na área de Gestão de Pessoas e Recursos Humanos no setor de comércio varejista, especificamente, em supermercados e lojas, percorri praticamente todos os subsistemas relacionados à área, desde recrutamento, seleção, treinamento, desenvolvimento até o departamento de pessoal. Nessa jornada, vivenciei situações que me deixaram inquieta e que carreguei comigo durante a graduação. Agora, no mestrado, era o momento de compartilhar essas inquietações.

Convivendo com muitas mulheres nas equipes em que me encontrava, pude perceber as dificuldades que enfrentavam ao decidirem deixar suas casas, filhos e outras responsabilidades para ingressar no mercado de trabalho. A culpa, o medo e a pressão social muitas vezes as levavam a desistir de seus empregos. Injusto, não é mesmo? Assim eu pensava. Mas como resolver essa situação?

Mesmo com todas as lutas para se inserirem no mercado de trabalho, é notável a quantidade de mulheres que o setor de comércio varejista abriga. No entanto, essa conquista veio acompanhada de mudanças significativas e da necessidade de ainda mais transformações, tanto na sociedade quanto na vida das mulheres.

A pandemia de Covid-19 agravou ainda mais esse cenário, com o fechamento de escolas e creches, levando muitas mulheres e mães a deixarem seus empregos para cuidar dos filhos e da casa. Diante desse contexto desafiador, é fundamental repensar o papel da mulher no mundo do trabalho, especialmente à luz dos impactos da pandemia.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2020, as mulheres sofreram um retrocesso histórico em termos financeiros e profissionais devido à pandemia. No Brasil, um dos países mais desiguais do mundo, os impactos foram particularmente profundos, com milhões de mulheres deixando o mercado de trabalho, atingindo o nível mais baixo em três décadas (ARRELLAGA & MONTEIRO, 2020).

Com a necessidade de distanciamento social para conter a propagação do coronavírus, as escolas e creches foram fechadas, forçando as famílias, especialmente as mães, a se reorganizarem para cuidar dos filhos e manter suas fontes de renda. Isso gerou debates intensos

sobre a sobrecarga de trabalho enfrentada pelas mulheres durante o isolamento social (CASTRO & CHAGURI, 2020).

A história se repete, e a sociedade espera que as mulheres estudem, trabalhem e avancem profissionalmente, sendo suas principais provedoras. No entanto, essa sobrecarga de trabalho não vem sem custos, incluindo a falta de tempo e atenção à saúde (LOPES ET AL., 2014).

Diante desse cenário, a pergunta de pesquisa que norteia este estudo teórico do Mestrado Profissional em Psicologia, através da linha de pesquisa “Práticas Sociais, Organizações e Cultura” é: “Como as mulheres percebem a relação que estabelecem com o mundo do trabalho?”. Para isso, os objetivos visam entender como as mulheres que trabalham no comércio varejista percebem a sua relação com o trabalho, identificar como as experiências de trabalho são significadas pelas mulheres no contexto do trabalho e analisar as vivências de trabalho relativas à produção de saúde de mulheres que atuam no comércio varejista.

2 O MUNDO DO TRABALHO E AS MULHERES

A participação da mulher no mercado de trabalho vem sendo estudada com mais profundidade nos períodos que decorreram a I e II guerra mundial (1914-1918 e 1939-1945). Houve a necessidade de deixar de cuidar exclusivamente de sua casa e filhos para assumir as posições dos homens no mercado de trabalho e negócios da família. Após o período de guerra, muitos desses homens não retornaram, em grande parcela decorrente do óbito. Já aqueles que sobreviveram, apresentavam incapacidades físicas e/ou psicológicas, o que os tornava inaptos a desenvolverem muitas tarefas. Desta forma a mulher assumiu sua mão-de-obra no trabalho, além das tarefas domésticas e de cuidadora (PROBST, 2014).

A revolução industrial e todo seu avanço tecnológico permitiu a inserção das mulheres dentro das fábricas. Neste período, o trabalho feminino foi então muito utilizado, principalmente, na operação das máquinas. Os empresários, conseqüentemente, preferiam as mulheres nas indústrias, afinal, elas aceitavam salários inferiores aos dos homens, porém faziam os mesmos serviços que estes. Elas precisavam se sujeitar às jornadas de trabalho de catorze a dezesseis horas por dia, salários baixos, trabalhando muitas vezes em condições prejudiciais à saúde e cumprindo obrigações além das que lhes eram possíveis, só para garantirem o seu emprego. Além de tudo, a mulher ainda tinha a obrigação de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos (PINTO MARTINS, 2008).

As mulheres sempre foram consideradas o centro da família como consequência dos papéis exercidos como mãe e esposa. Vistas como as cuidadoras, primeiro dos homens, depois das crianças e, por fim, dos idosos, exercendo os papéis de esposa, filha e mãe. Dependendo do *status* social do grupo, bem como do provento do homem, ocupavam mais ou menos espaços como servidoras dele (CARTER & MCGOLDRICK, 2008).

Desta forma, é possível compreender, segundo Biroli (2018), que os interesses capitalistas e as formas correntes de exploração do trabalho impactam sobre a vida doméstica, a conjugalidade, a divisão diária das tarefas, a possibilidade mesma de usufruto do tempo por mulheres e homens. O desequilíbrio das responsabilidades na vida cotidiana, por sua vez, pode coibir ou facilitar a atuação em outras esferas da vida, entre elas a do trabalho e a da política institucional.

O discurso em torno da emancipação da mulher no mercado de trabalho muitas vezes contrasta com a realidade enfrentada por elas. A inserção feminina neste ambiente frequentemente resulta em uma superexploração de sua força de trabalho, evidenciada pelo acúmulo de responsabilidades tanto na esfera pública quanto na privada. Estudos de gênero

destacam que a situação de muitas mulheres está longe do que aparenta, sublinhando a urgência de pesquisas aprofundadas sobre a temática e da mobilização popular feminina na luta contra as persistentes desigualdades de gênero (CISNE, 2012).

A interação entre saúde, trabalho e doença tem sido um tema de estudo consolidado ao longo do tempo. Nesse contexto, proponho uma reflexão específica sobre o trabalho e as mulheres, ressaltando a urgência da expansão dos estudos sobre a divisão sexual e de gênero no âmbito acadêmico. Essas investigações desempenham um papel fundamental na identificação das origens de problemas sociais, oferecendo resultados que, por sua vez, provocam reflexões, debates e contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas capazes de promover mudanças em direção a uma sociedade mais igualitária.

2.1 A centralidade do Trabalho

Para Dejours (2004) o trabalho é aquilo que implica do ponto de vista humano, o fato de trabalhar que corresponde aos gestos, saber-fazer, com engajamento do corpo, mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc. O trabalho não é em primeira instância a relação salarial ou o emprego; o trabalhar, é um certo modo de engajamento da personalidade para responder a uma tarefa delimitada por pressões (materiais e sociais). Para o autor, o trabalho também é o principal contexto da vida onde podemos exercitar a democracia, ou seja, não se trata somente do trabalho individual e subjetivo, mas também de um trabalho coletivo e a inteligência no plural.

Para o autor, trabalhar transcende a simples execução de uma tarefa; trata-se, na verdade, de uma expressão de interação social. Isso implica envolver-se em um universo humano permeado por relações desiguais, dinâmicas de poder e formas de dominação. O ato laboral engaja a subjetividade em um contexto hierárquico, estruturado e opressivo, marcado por contínuas lutas pelo domínio (BARROS; LACMAN, 2016).

O real do trabalho não é apenas o realizar da tarefa, ou seja, aquilo que, pela experiência do corpo a corpo com a matéria e com os objetos técnicos, se dá a conhecer ao sujeito pela sua resistência a ser dominado. O trabalhar é, também, fazer a experiência da resistência do mundo social, das relações sociais, principalmente no que se refere ao desenvolvimento da inteligência e da subjetividade. O real do trabalho, não é somente o real do mundo objetivo; ele é, também, o real do mundo social (DEJOURS, 2004).

Para Barros e Lacman (2016, p. 232) o trabalho é um meio potente de fortalecimento da identidade:

O olhar direto sobre mim vem do amor. É uma das formas de construção da identidade. O olhar sobre o que eu produzo é o reconhecimento. Na verdade, uma modalidade específica de reconhecimento que não é sobre mim, mas sobre o que eu produzo, ou seja, sobre o meu trabalho, portanto um olhar sobre o fazer. Este é um meio muito potente de fortalecer a identidade.

Barros e Lacman (2016) destacam que o amor é apresentado como uma fonte significativa de autoconhecimento, sugerindo que a observação direta de si mesmo é fundamental para a construção da identidade. Além disso, a distinção entre o olhar sobre si e o olhar sobre o que é produzido destaca a dualidade entre o reconhecimento pessoal e o reconhecimento do trabalho realizado. Isso ressalta como a valorização do próprio fazer, do esforço e da produção (trabalho), pode ser um fator poderoso na consolidação da identidade. Em suma, o texto aborda a complexa interação entre o olhar interior e exterior, entre o amor próprio e o reconhecimento externo, como elementos fundamentais na formação e fortalecimento da identidade individual.

2.2 A mulher contemporânea e o trabalho

Dados da Organização Internacional do Trabalho – OIT (2011), afirmam que, apesar do crescente avanço das mulheres no mercado de trabalho, principalmente devido à maior escolarização delas, a permanência das desigualdades é visível na medida em que ainda existe um forte contingente feminino concentrado no trabalho doméstico, caracterizado por situações de precariedade, baixa proteção social, condições inadequadas de trabalho, baixos salários e informalidade (NEVES, 2013).

A mulher tem assumido uma série de papéis que antes se referiam prioritariamente aos homens. Devido a este fato, ocorreram mudanças não apenas para a rotina da mulher contemporânea, mas também para seus projetos de vida e suas consequentes escolhas. A condição social da mulher mudou muito. Antigamente era inadmissível a mulher ter direitos que, na contemporaneidade, já são estabelecidos socialmente, tais como: estudar, trabalhar fora do lar, votar, ter seu próprio dinheiro e etc. (MORAES, 2012).

A mulher contemporânea adaptou-se para ingressar em diversas esferas, no entanto, estruturas antigas persistem, e as disparidades sociais entre homens e mulheres perduram. Apesar da luta por espaços além do ambiente doméstico, as mulheres enfrentam desafios ao tentar equilibrar as responsabilidades adicionais adquiridas no espaço público. A organização

familiar agora é frequentemente centrada na mulher, mas o acúmulo de tarefas pode resultar em sobrecarga, causando sérios impactos na saúde feminina (SILVA & LIMA, 2012).

Na contemporaneidade, ainda são presentes as desigualdades de gênero entre homens e mulheres. Muitas foram as conquistas do feminino, das quais é importante salientar a busca do direito ao voto, para que ocorresse a inserção no mercado de trabalho, para que as mulheres pudessem optar em decisões referentes aos seus corpos mesmo de maneira parcial, e, ainda, relacionado aos avanços trazidos pelo aparato jurídico o qual visa à proteção do público feminino em âmbito mundial e nacional. As formas de opressão e subordinação da mulher pelo homem apenas tomaram novas formas, se diferenciando das anteriormente existentes, contudo permanecem presentes na sociedade. Sobre a divisão sexual do trabalho, o capitalismo se apropria da mão-de-obra feminina, que compõe importante papel na reprodução da força de trabalho em âmbito familiar, por meio do trabalho doméstico. Isto leva à sobrecarga de trabalho das mulheres e suas implicações são as mais nocivas à saúde destas (CASTRO et al., 2018).

2.3 Gênero e desigualdades

As desigualdades foram e ainda são construídas socialmente, integrando uma longa história que foi estabelecida através do poder e da dominação. Suas estruturas são alicerçadas nas relações de classe, gênero/sexualidade, raça e etnia, dentre outras. Ao pensar sobre desigualdades, geralmente mensuramos situações quantitativas, apontando sobre remuneração, riqueza, desemprego, ou seja, fatores que compõem a dimensão econômica e sua expressão quantitativa. Mas é importante compreender que existem outras facetas que compõem esse complexo; facetas que são relevantes, mas que são de certa forma, invisíveis. As dimensões simbólicas envolvem representações, ideologias e discursos que são centrais para reproduzir desigualdades. É por meio das ideologias, que se materializam nos discursos, que as relações de dominação são estabelecidas e legitimadas (MARCONDES *et al.*, 2021).

A estrutura complexa a ser conduzida teoricamente aqui, corresponde à desigualdade de gênero, para tanto, utilizo uma narrativa para dar início a minha escrita, trazendo aqui um trecho questionador e reflexivo que se relaciona a perspectiva da mulher, que é a pauta desta escrita:

Aquele homem lá diz que uma mulher precisa ser ajudada ao entrar em carruagens, e levantada sobre as valas, e ficar nos melhores lugares onde quer que vá. Ninguém me ajuda em lugar nenhum! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço. Eu arei, eu plantei e eu recolhi tudo para os celeiros. E nenhum homem pode me auxiliar. E eu não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem (...) e suportar o chicote tão bem quanto! E eu não sou uma mulher? Eu dei à luz a crianças e vi a maior parte delas ser vendida como escravas. E quando eu chorei com o sofrimento de uma mãe, ninguém além de Jesus me ouviu. E eu não sou uma mulher? (HENNING *apud* BRAH; PHOENIX, 2004, p. 77).

A sociedade, em todas as épocas, seja por meio da propagação de ideologias, seja através de mídias sonoras e visuais, insiste em transmitir a imagem da mulher como desigual, denominado-a como um sexo frágil, que necessita de cuidados, um ser inferior que respectivamente, tem um dono, ou seja, alguém que a instrua e proteja. Isto se deve muito a alguns valores e crenças herdados erroneamente do patriarcado (CASTRO *et al.*, 2018).

Desde o início da história da civilização, a dominação masculina era predominante, tanto dentro quanto fora do lar, a mulher tinha o lugar de submissa e dominada. Nesse regime patriarcal, ao homem cabia o domínio público, as relações sociais diversas, a política e os negócios; à mulher, por sua vez, era reservado o domínio privado, ou seja, a casa e o círculo familiar. A “casa” não era apenas um lugar físico para se alimentar, se abrigar e dormir, ela representava uma honra a ser protegida; as expressões utilizadas ainda hoje explicitam a visão que se tinha do caráter e índole das mulheres: “lugar de mulher decente é dentro de casa”, ou, “mulher da rua não presta”. A casa era considerada um lugar “privilegiado”, onde se formava o caráter das crianças, por isso a grande responsabilidade moral atribuída à mulher (RAGO, 1985).

Segundo Cunha (2014) o sistema patriarcal se configura a partir de uma relação social, onde se pressupõe a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s), sendo este, um regime de dominação e subordinação em que o homem, especialmente o pai, “patriarca”, mantenedor e provedor, ocupa a posição de domínio e centralidade na família. Representando a autoridade máxima, na medida em que todos na casa, inclusive esposas e filhos, devem ter obediência plena. O patriarcado é uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação.

A base do sistema patriarcal no capitalismo seria a responsabilização desigual de mulheres e homens por um trabalho que se define, assim, como produtivo e não remunerado. O patriarcado, como sistema político, consistiria numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens. Seu núcleo, nessa perspectiva, é a divisão sexual do trabalho, em que se configurariam dois grupos (ou classes): as mulheres, que têm sua força de trabalho apropriada, e os homens, que se beneficiam coletivamente desse sistema (BIROLI, 2018).

Não há como escrever sobre as mulheres e o trabalho, sem serem mencionados alguns aspectos sobre temas fundamentais relacionados aos direitos das mulheres, do feminismo e da democracia brasileira. De acordo com Biroli (2018), estes temas encontram-se ameaçados nos tempos atuais, fazendo-se importante refletir e discutir sobre a difícil luta das mulheres contra as desigualdades. A autora defende que, as conquistas nas últimas décadas são inegáveis, mas

ainda são encontrados entraves estruturais relacionados à equidade de gênero e à justiça social e uma contestação sem trégua dos direitos adquiridos.

A partir desta perspectiva, surge um conceito importante, o conceito se refere a: divisão sexual do trabalho - que não é algo novo no meio acadêmico, pois vem sendo enfatizado nas últimas décadas, visando ampliar os estudos sobre as formas assumidas pelo trabalho feminino. As pesquisas que exploram a interseção de gênero e trabalho convergem para a compreensão de que a divisão sexual do trabalho está intrinsecamente presente nas relações sociais, desempenhando um papel fundamental na organização dessas relações (BIROLI, 2018).

É evidente que a ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo das últimas décadas é fruto da emancipação parcial das mulheres, tanto em relação à sociedade de classes quanto às inúmeras formas de opressão masculina, que se fundamentam na tradicional divisão social e sexual do trabalho. O capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho (ANTUNES, 2009).

Segundo Biroli (2018), a posição das mulheres nas relações de trabalho está em meio às principais formas de exploração que se caracterizam como dominação de gênero (ou patriarcado). Tratando-se de um conjunto variado de abordagens, atravessado pelo problema da correlação entre a divisão do trabalho doméstico não remunerado, a divisão do trabalho remunerado e as relações de poder nas sociedades contemporâneas. Para a autora, capitalismo e patriarcado são definidos como sistemas distintos, que se sobrepõem e incidem um sobre o outro.

A divisão sexual do trabalho historicamente produziu, uma naturalização da responsabilização das mulheres pelas tarefas domésticas e cuidados, tornando-as invisíveis e desvalorizadas. (HIRATA, 2010). De acordo com a autora Michèle Barrett (1980), citado por Biroli (2018) afirmaria que:

A divisão sexual do trabalho não pode ser atribuída a nenhuma necessidade histórica do capitalismo. Uma explicação que deixasse de levar isso em conta produziria uma fusão equivocada entre uma tendência geral – a separação entre casa e ambiente de trabalho – e sua forma histórica particular. Essa forma particular é que corresponde à divisão sexual do trabalho. Por meio dela, um problema incontornável – “quem tomaria conta das crianças?” (e, podemos complementar, dos doentes, das pessoas com deficiência e dos idosos) – foi resolvido “em benefício dos homens”, lançando mão de “uma ideologia de gênero que precede o capitalismo” (BIROLI, 2018, p. 25).

Refletir sobre o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho doméstico remunerado nos conduz a um novo debate. O trabalho doméstico caracterizado como não remunerado é feito gratuitamente e compreendido como uma forma das mulheres expressarem amor aos filhos e aos companheiros, uma maneira de exprimir o amor que elas sentem por seus

familiares, implicando na realização de trabalhos repetitivos, como lavar e passar roupa, limpar a casa, cozinhar. Ao mesmo tempo, uma parte de cuidados e de trabalho doméstico tem relação direta com pessoas, que podem ser não só crianças, marido, companheiro, mas também pais ou outras pessoas idosas vivendo na casa (HIRATA, 2010).

De acordo com Biroli (2018), é necessário refletir sobre distinção entre trabalho remunerado e não remunerado:

O trabalho que as mulheres fornecem sem remuneração, como aquele que está implicado na criação dos filhos e no cotidiano das atividades domésticas, deixa os homens livres para se engajar no trabalho remunerado. São elas apenas que fornecem esse tipo de trabalho gratuitamente, e essa gratuidade se define numa relação: o casamento. É nele que o trabalho gratuito das mulheres pode ser caracterizado como não produtivo. Os produtos que não têm valor quando decorrem do trabalho da mulher em casa passam, no entanto, a ter valor econômico fora de casa, quando atendem às necessidades de outras pessoas que não o marido (BIROLI, 2018, p.25).

As mudanças políticas conquistadas pela chamada primeira onda do feminismo, que foi pautado por lutas em busca de direitos igualitários, entre o século XIX e meados do século XX, visando possibilitar o direito ao voto e à propriedade, o acesso à educação e, mais lentamente, bem como o direito a deixar um casamento, possibilitaram um contexto favorável para o acesso ao trabalho remunerado, o que por sua vez aumentou potencialmente a independência. Porém, considerando a possibilidade do acesso ao divórcio, as mulheres permanecem sendo responsáveis pelas crianças, estando à mercê de vivências e desdobramentos que surgem da apropriação do seu trabalho: que por um lado, permitem o acesso à formação profissionalização, mas que por outro, emergem os limites que se impõem devido ao fato de permanecerem ainda, como as principais responsáveis pelas crianças quando na ocorrência do término do casamento (BIROLI, 2018).

Existe uma definição de papéis que parecem designar quem o ser humano será ao longo de sua trajetória de vida. Desde crianças, meninos e meninas ouvem o que devem ou não fazer. Recebe-se da família um conjunto de regras e normas que determinam papéis pré-estabelecidos e que narram uma história já construída para mulheres e homens por grupos sociais de épocas anteriores (FLECK *et al.*, 2005).

Desde algumas décadas vem-se observando uma transformação daquilo que antigamente se apresentava como específico de mulheres e de homens, gerando novos ajustes nos padrões femininos e masculinos estabelecidos. Com isso vem ocorrendo uma aproximação das trajetórias de vida masculinas e femininas, que tendem a se tornar mais parecidas, mas - é claro - sem que desapareçam todas as diferenças nas formas de inserção social de mulheres e homens (BORGES, 2013).

2.4 Covid-19, trabalho e mulheres

Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2020 *apud* VASCONCELOS *et al.*, 2021), as mulheres vivenciaram os mais diversos impasses e desafios durante a pandemia da Covid-19, perpassando por obstáculos como: o desemprego, o aumento da pobreza, a sobrecarga do trabalho doméstico, as precariedades laborais, além da insuficiência de políticas de igualdade de gênero.

A pandemia intensificou problemáticas que já existiam na vida de muitas mulheres, dentre os quais são apontados: o sistema patriarcal, as desigualdades de gênero, misoginia e a cultura machista que contribuem para existência de violência e adoecimento das mulheres. Os autores também afirmam que o isolamento social, os fatores econômicos, o estresse, o fechamento dos serviços envolvidos no enfrentamento da violência feminina, o uso abusivo de álcool e a sobrecarga das atividades relacionadas a mulheres agravaram os casos de violência doméstica durante a pandemia Covid-19 (ALENCAR *et al.*, 2020).

A sobrecarga das mulheres que foi ocasionada devido aos trabalhos domésticos e de cuidado, também se intensificou, principalmente, por conta da combinação do “fica em casa” ser a única medida eficaz contra a pandemia (além da vacinação) com o fechamento dos serviços públicos e privados. Quem ficou trabalhando em casa, por meio do uso de tecnologia, deparou-se com o desafio de articular reuniões, relatórios e aulas com crianças e outras pessoas que habitam o domicílio e demandam cuidados (MARCONDES *et al.*, 2021).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) analisou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) contínua de 2012 a 2020 que apontou que as desigualdades associadas a sexo, raça/cor e idades no mercado de trabalho foram afetadas pela crise da pandemia de 2020. Os grupos mais afetados, no período, foram os grupos populacionais mais vulneráveis: mulheres, negros e jovens (IPEA, 2021).

A pandemia alterou os roteiros, rotinas e as dinâmicas de vida, trabalho e cuidado na sociedade. Foram evidenciadas, neste período, dimensões de desigualdades em múltiplos aspectos. Uma das questões que as mulheres sentiram logo que as medidas de isolamento social foram adotadas, está relacionada à sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado. Sendo assim, obrigatoriamente, o cuidado passou a se concentrar nos domicílios, devido à necessidade de interromper o funcionamento presencial de instituições fundamentais para o cuidado, como creches e as escolas (BIANCONI *et al.*, 2020).

Segundo Marcondes (2021), durante a pandemia de Covid-19 a história das mulheres tornou-se ainda mais dramática. As obrigatórias medidas de contenção que emergiram da

pandemia afetaram duramente o mercado de trabalho, atingindo principalmente, os grupos mais vulneráveis. No caso das mulheres, os segmentos do mercado de trabalho onde estão mais representadas, como os serviços domésticos remunerados, os serviços de alimentação, de alojamento e de educação foram os mais atingidos. Parte desse impacto não ocorrerá apenas agora, mas terá efeitos futuros, já que alguns desses setores têm se reorganizado, por meio da adoção de novas tecnologias e formas de organização do trabalho poupadoras de mão-de-obra.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa consistiu em uma abordagem de pesquisa-intervenção, alinhada não apenas aos propósitos do mestrado profissional, mas também à necessidade de compreender a realidade local. Importante destacar que o estudo foi conduzido em sua própria cidade e no setor comercial da região. A intervenção foi realizada em duas fases distintas: entrevistas semiestruturadas e grupo focal.

Ao abordar questões diretamente relacionadas ao domínio de atuação do profissional, a pesquisa-intervenção assegura uma legitimidade ética e epistemológica às propostas elaboradas. Isso ocorre devido ao envolvimento comprometido no processo de pesquisa, evitando o uso de soluções supostamente padronizadas. Em vez disso, há uma abordagem que considera hipóteses de maneira reflexiva, reconhecendo a complexidade e profundidade do contexto investigado (COSTA; GHISLENI, 2021).

3.1 Entrevista Semiestruturada

A fase inicial deste processo de pesquisa-intervenção incluiu uma entrevista semiestruturada, envolvendo um questionário composto por sete perguntas abertas. Essas perguntas abordaram a relação e concepção das mulheres sobre o trabalho, os motivos que as levaram a escolher essa ocupação e os impactos da pandemia em sua relação com o trabalho. As participantes desta pesquisa foram compreendidas por, doze (12) mulheres, trabalhadoras do setor do comércio, na cidade de Montenegro/RS, sendo a primeira indicada pela entrevistadora.

A amostragem caracterizou-se como de caráter não probabilístico e foi organizada por conveniência, através do uso da técnica intitulada como bola de neve (*snow ball*) até a saturação dos dados, ou seja, quando as entrevistas trouxeram relatos cada vez mais semelhantes, repetidos, então, foram finalizadas.

Os critérios de inclusão foram definidos como: pesquisa a ser realizada com mulheres maiores de 18 anos e que estejam trabalhando no comércio há pelo seis meses, e que tenham trabalhado durante o período da pandemia do Covid-19. Como critérios de exclusão foram definidos: trabalhadoras que possuam vínculos com a pesquisadora e que não tenham trabalhado de forma virtual durante a pandemia.

As entrevistas foram realizadas individualmente, fora do horário de trabalho da entrevistada, com duração aproximada de sessenta (60) minutos. A entrevista foi realizada no

consultório clínico da pesquisadora e cada uma das entrevistadas sugeriu um nome fictício para ser usado na sua fala durante a análise da pesquisa.

3.2 Grupo Focal

A segunda fase da pesquisa emergiu a partir das entrevistas, sugerindo que fosse realizado um grupo focal, com mulheres trabalhadoras do comércio Montenegrino, afinal este grupo possibilitaria espaço de escuta e reflexão para as mulheres participantes, contribuindo com ricas considerações para a pesquisa-intervenção.

O grupo focal é uma estratégia valiosa utilizada em pesquisas qualitativas, pois facilita uma discussão entre participantes, visando coletar informações detalhadas sobre suas percepções, experiências e opiniões acerca de um tema específico. Essa abordagem tem como objetivo explorar profundamente as visões dos participantes, gerando *insights* ricos e compreensão aprofundada do assunto em questão. Ao empregar o grupo focal como estratégia, os pesquisadores buscam não apenas respostas individuais, mas também a dinâmica social e interativa que pode emergir quando pessoas compartilham suas perspectivas. Essa técnica é particularmente útil para explorar a diversidade de opiniões dentro de um grupo e identificar padrões, contradições ou convergências nas experiências dos participantes (TRAD, 2009).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Análise das Entrevistas

Na busca por respostas aos questionamentos que surgiram a partir da pesquisa teórica, aprofundi-me na análise das vivências laborais das mulheres no setor de comércio varejista. Meu objetivo foi compreender, de maneira mais abrangente, como essas mulheres percebem a natureza de seu trabalho, qual o significado atribuído às suas experiências profissionais nesse cenário específico e, igualmente importante, como elas conseguem equilibrar as demandas do trabalho com as esferas de suas vidas pessoais. Este processo de investigação permitiu uma exploração detalhada das nuances envolvidas nas dinâmicas laborais femininas, contribuindo para uma compreensão mais completa das complexidades presentes no ambiente do comércio varejista.

4.1.1 O significado de trabalho para as mulheres

Ao explorar as experiências compartilhadas pelas mulheres na pesquisa, destaca-se a ideia de que a "liberdade" é entendida como algo alcançado por meio do trabalho. Frases como: "liberdade é trabalhar", "liberdade para ter dinheiro" e "liberdade para não depender de ninguém" permeiam as narrativas, provocando uma reflexão aprofundada sobre o verdadeiro significado dessa liberdade. Nesse contexto, surge a complexidade de encontrar um espaço verdadeiramente livre de influências, seja ligado ao dinheiro ou às estruturas patriarcais. Apesar desses desafios, mantemos a esperança diante das possibilidades de transformação social.

Ao longo dos anos, as transformações na vida das mulheres, especialmente com a conquista de posições no mercado de trabalho formal e a subsequente autonomia financeira, têm redefinido significativamente os papéis desempenhados por elas, tanto no âmbito doméstico quanto no profissional. Discutir sobre mulheres financeiramente independentes implica abordar aquelas que superaram obstáculos, abandonaram a tradicional dedicação exclusiva ao papel de esposa, mãe e dona de casa, e passaram a conquistar espaços que anteriormente pareciam inatingíveis (SECCO; LUCAS, 2015).

Uma das entrevistadas reforça a ideia de que a participação ativa das mulheres no mercado de trabalho não apenas proporciona independência financeira, mas também promove uma maior liberdade para elas serem autênticas e perseguirem seus interesses e paixões e ainda enaltece o empoderamento feminino conforme podemos perceber abaixo:

“Significa, principalmente, independência financeira, algo que levou muito tempo para que pudesse ser uma possibilidade para nós mulheres. Ter nossa independência, liberdade e autonomia representa a força que temos” (ISABELLA).

Num outro momento, é possível perceber a transmissão geracional, que tem consequentemente transformado cada vez mais esse lugar de mulher invisível em mulher visível naquilo que ela é e naquilo que ela quer:

É algo que falo para minha filha, sabe? Queria que ela fosse independente desde cedo e eu acho que é algo que tem crescido nos últimos tempos, assim na questão da mulher ser mais independente da mulher poder correr atrás dos seus sonhos seus objetivos e metas (MARIA).

A expressão do desejo de que a filha seja independente desde cedo destaca a importância atribuída à autonomia e à capacidade de perseguir objetivos individuais. A observação sobre a crescente tendência da mulher em buscar independência nos últimos tempos reflete uma mudança social significativa. Isso destaca um contraste em relação a períodos anteriores, onde as expectativas para as mulheres eram frequentemente mais limitadas. A narrativa reflete um desejo de empoderar as filhas mulheres, permitindo que busquem ativamente suas metas e sonhos, desafiando estereótipos tradicionais de gênero.

Esse comentário evidencia uma postura progressista em relação à criação de filhas, buscando equipá-las com as ferramentas e a mentalidade necessárias para alcançar a independência e perseguir suas aspirações, diferentemente talvez, da sua geração anterior, que pode ser percebido na fala de uma das entrevistadas:

A maioria das minhas tias, pelo menos a maioria, sempre todas, na verdade, são donas de casa. Eu acho que é. Lembrando agora, não tem nenhuma que trabalharia fora. Daí já muda a questão das minhas primas, a maioria já começa a trabalhar fora de casa, a maioria agora daí com essa situação já tem uma independência. A gente já começa a perceber uma diferença, por isso que eu acredito que há um tempo atrás, tinha sim uma dificuldade um pouco maior (MARIA).

Uma das pesquisadas ainda destaca uma perspectiva poderosa sobre o significado do trabalho, apresentando-o como uma expressão de liberdade e autonomia. A conexão entre o trabalho e a liberdade é notável, especialmente quando a pessoa expressa o desejo de criar os filhos de maneira independente. A referência à função de mãe e pai ressalta a realidade de enfrentar responsabilidades familiares sozinha, tornando o trabalho não apenas uma fonte de sustento financeiro, mas também uma forma de inspiração para os filhos:

Trabalho para mim hoje é a liberdade. Meu papel na sociedade é criar os meus filhos. Eu trabalho para mim, é uma questão da liberdade, questão financeira também, eu sou sozinha com os dois filhos, então meu papel é mãe e pai, criá-los e, também ser o espelho deles né, e nada melhor do que ter um trabalho e querendo ou não movimentar

né, estimula eles e nada melhor do que ser livre ser uma mulher livre, não depender de ninguém (VALENTINA).

A ênfase na liberdade e independência reforça a ideia de que o trabalho pode proporcionar não apenas estabilidade financeira, mas também empoderamento pessoal. A narrativa sugere uma busca ativa pela autonomia, enfatizando a importância de não depender de outros para a própria realização e felicidade. Esse relato ilustra como o trabalho pode desempenhar um papel fundamental na construção de identidade, na promoção da independência:

Fui trabalhar e aí tudo que eu queria eu comprava, aquilo para mim era muito gratificante, porque poder conquistar suas coisas e não precisar estar, tipo, dependendo da mãe, então tu ter essa liberdade, né, de tu poder fazer o que tu quer assim, de conquistar as coisas que tu quer, às vezes, por mais simples que seja (ANA).

O trabalho também foi apontado como fonte de desenvolvimento, que pode ir além da busca por “dinheiro”. A busca parece evidente por espaço, conhecimento e crescimento:

Para maioria talvez seria uma necessidade, mas eu acho que é mais do que isso. Eu acho que a gente acaba se descobrindo e também refletindo sobre a questão de que não é só sobre ter um emprego e ter dinheiro, né, é sobre aprendizado, sobre estar no lugar que você se sinte bem sobre a independência que é muito importante também (MARIA).

Esse comentário destaca uma visão mais ampla e enriquecedora sobre o significado do trabalho. Além de ser visto como uma necessidade básica para a maioria, a perspectiva apresentada sugere que o trabalho pode ser uma fonte significativa de desenvolvimento pessoal. A busca por espaço, conhecimento e crescimento transcende a simples busca por remuneração financeira.

A ideia de que o trabalho é mais do que uma ocupação para ganhar dinheiro é enfatizada, destacando a autodescoberta e a reflexão como elementos intrínsecos à experiência profissional. A busca por aprendizado e a importância de estar em um ambiente onde se sinte bem ressaltam a dimensão pessoal e emocional do trabalho.

Conforme as autoras Secco e Lucas (2015, pg. 74):

A independência financeira feminina foi uma conquista que aumentou a autonomia na vida das mulheres e contribuiu para a transição da sociedade totalmente patriarcal para formas mais igualitárias de relação de homens e mulheres. A grande maioria das mulheres na atualidade não se enquadra no padrão de “princesa dos contos de fadas” que apenas esperava pelo príncipe encantado que iria “salvá-la”, atualmente elas estudam, dedicam-se ao mercado de trabalho e tornam-se independentes.

A noção de independência como um elemento crucial no contexto do trabalho destaca a importância de ter autonomia e liberdade na vida profissional. Esse comentário sugere que a

realização no trabalho vai além do aspecto financeiro, incorporando elementos de crescimento pessoal, satisfação e autenticidade no ambiente profissional. Em suma, é uma perspectiva que reconhece o trabalho como uma jornada de autodescoberta e desenvolvimento, indo além da busca por dinheiro para abraçar um significado mais profundo e enriquecedor.

4.1.2 (Des)igualdade de gênero

As vivências significadas pelas mulheres podem trazer grandes desafios, nos quais destaco a luta pela equidade de gênero, o equilíbrio entre maternidade e trabalho e as especificidades encontradas na área do varejo. Ao longo deste trecho de análise iremos compreender um pouco mais através das falas que suscitaram das entrevistadas.

O título "(Des)igualdade de gênero" sugere uma abordagem sobre a temática da igualdade e desigualdade entre os gêneros, enfocando possivelmente as disparidades sociais, econômicas e culturais entre homens e mulheres. A utilização do parêntese na palavra "Desigualdade" indica uma reflexão sobre a presença e ausência dessa disparidade, sugerindo que a igualdade de gênero pode não ser uma realidade plena. Em suma, ele sugere uma análise crítica e reflexiva sobre a condição de gênero na sociedade.

Uma das entrevistadas reflete ainda sobre o rompimento de paradigmas e traz sua perspectiva sobre a potência da mulher no mercado de trabalho:

Uma forma de liberdade, principalmente, porque antigamente as mulheres, elas só podiam trabalhar em casa cuidando dos filhos do marido e outros afazeres. Mas com a mudança disso, com o tempo e isso foi se percebendo que as mulheres têm atividades tão importantes quanto a de um homem no trabalho e trazendo a igualdade. Tudo que um homem pode fazer no trabalho a mulher também pode, então acredito que a relação de trabalho trazendo para a área de mulheres é liberdade, liberdade de ser quem ela é, liberdade de fazer o que gosta, o que pode, o que quer (CLARA).

Esse comentário reflete uma perspectiva valiosa sobre a evolução dos papéis das mulheres na sociedade, especialmente no âmbito profissional. Destaca-se a ideia de liberdade associada à independência financeira, contrastando com um passado em que as mulheres eram muitas vezes limitadas a funções domésticas. A observação de que as atividades das mulheres são tão importantes quanto as dos homens no trabalho contribui para o entendimento da busca pela igualdade de gênero. A afirmação de que as mulheres podem realizar as mesmas tarefas que os homens no ambiente de trabalho ressalta a importância da igualdade de oportunidades. Outra entrevistada já faz outro contraponto, trazendo sua vivência como reflexão:

É difícil também uma aceitação de algumas empresas ter mulheres nessa área (depósito), a gente percebe que é difícil no geral, às vezes, existe questão de machismo

que já aconteceu comigo e com a minha equipe e, é importante a gente tentar, tentar e tentar fazer a diferença, tu entende? Porque às vezes aceitamos demais, a gente sabe aceitar que é uma área e que sempre foi liderada por homens, mas não, eu sou mulher e eu quero estar lá e eu vou fazer a diferença lá, tá entendendo?

A fala destaca um desafio significativo enfrentado por mulheres na área de depósito, relacionado à resistência e dificuldades de aceitação por parte de algumas empresas. A entrevistada observa a presença de machismo, experienciado não apenas por ela, mas também por sua equipe. A ênfase na necessidade de persistência para fazer a diferença indica uma determinação em superar essas barreiras de gênero. A reflexão sobre a aceitação histórica da liderança masculina nessa área contrasta com a afirmação assertiva de sua identidade como mulher e o desejo de impactar positivamente o ambiente de trabalho. Essa narrativa evidencia a importância da igualdade de gênero e da busca por transformações dentro de setores historicamente dominados por homens.

Embora sejamos otimistas, o trabalho feminino ainda é extremamente desgastante, em virtude de que a mulher assume diversos papéis, os quais demandam da mulher quase que elas tenham superpoderes.

Para Sousa e Guedes (2016) o ingresso das mulheres no cenário econômico não resulta na equidade das funções atribuídas aos gêneros; ao contrário, acentua as desvantagens enfrentadas por mulheres que, atualmente, compartilham com os homens, de maneira equitativa ou não, o sustento financeiro da família juntamente com as responsabilidades da esfera reprodutiva. A transição para fora do ambiente doméstico e as conquistas cada vez mais evidentes no domínio público representam uma revolução incompleta, visto que as mulheres continuam a assumir predominantemente as responsabilidades do espaço privado, perpetuando assim uma divisão sexual do trabalho desigual e desfavorável para elas.

4.1.3 As mulheres o trabalho e a maternidade

Foi possível perceber que durante as vivências de trabalho, as mulheres enfrentam grandes desafios para viver a maternidade e ainda equilibrar a sua vida profissional. A sensação de culpa, a dificuldade em terceirizar os cuidados e a falta de apoio social e familiar podem ser extremamente adoecedores.

Conforme apontam Beltrame e Donelli (2012), estudos indicam que a convicção de que apenas a mãe é capaz de cuidar do filho pode gerar sentimentos de ansiedade e insatisfação na mulher. Por outro lado, a sobrevalorização da carreira pode causar receio de estar ausente demais do bebê, levando a uma terceirização excessiva dos cuidados infantis. As percepções sobre maternidade e carreira levam as mães a desenvolver estratégias para conciliar esses

papéis. A mulher está ocupando cada vez mais espaços na sociedade, e as dinâmicas familiares estão passando por reorganizações. Portanto, as estratégias utilizadas no término da licença-maternidade devem ser compreendidas levando em conta as circunstâncias específicas de cada família e de cada mãe. Nesse contexto, as redes de apoio surgem como uma das maneiras adotadas pelas famílias para garantir o cuidado adequado de seus filhos.

As creches como apoio às mães e a importância da rede (família e marido mais disponíveis) aparecem como os recursos necessários para que as coisas sejam mais “leves” neste contexto.

Uma das entrevistadas relatou que as coisas estão progredindo neste sentido:

Hoje em dia a gente já tem mais creches para deixar as crianças, já têm mais uma ajuda assim na questão de marido. A maioria dos maridos já tem uma compreensão melhor nessa questão e também tem um incentivo da parte deles de ter essa independência, de ter um trabalho fora de casa (MARIA).

Outra entrevistada destaca a importância da flexibilidade no ambiente de trabalho, especialmente quando se trata de conciliar responsabilidades familiares. A percepção de que algumas empresas não aceitam atrasos por motivos como levar os filhos à escola ressalta a falta de compreensão em certos locais de trabalho:

Dar a liberdade de tu poder chegar atrasada em um determinado dia. porque tem que levar o teu filho na escola e vi que tem empresas que isso não vai ser aceitável né, trazendo para a realidade. onde eu onde eu trabalho isso é extremamente comum né, é compreensível. Nesse quesito a empresa em que trabalho em si, ela tem que ser uma via de mão dupla, tem que ser bom para mim, mas também tem que ser bom para empresa. A partir do momento em que eu me entrego para o local onde eu trabalho, para o meu trabalho, eu tenho certeza que eu também vou receber isso em troca. Então acho que é uma questão de organização e também de empatia da empresa (CLARA).

A experiência pessoal mencionada, onde a flexibilidade é comum e compreensível, destaca a possibilidade de uma abordagem mais equitativa. A ideia de que a relação entre trabalhadora e empresa deve ser uma "via de mão dupla" destaca a importância de benefícios mútuos, onde tanto o trabalhador, quanto a empresa saem ganhando.

A ênfase na entrega ao trabalho como um comprometimento mútuo sugere que a confiança e a reciprocidade são fundamentais nessa relação. A conclusão de que organização e empatia são cruciais reforça a ideia de que um ambiente de trabalho saudável deve considerar as necessidades e circunstâncias individuais dos trabalhadores.

O comentário aborda questões relevantes sobre a dinâmica entre trabalhadores e empresas, destacando a importância da compreensão, flexibilidade e empatia para promover um ambiente de trabalho mais colaborativo e satisfatório.

4.1.4 O comércio varejista e as mulheres

O varejo aparece fortemente como a porta de entrada para jovens e inexperientes e mulheres que não possuem formação especializada, conforme podemos observar no comentário:

O varejo me abriu as portas para o mercado de trabalho. A busca pelo emprego se deu por vontade de conquistar minha independência financeira e por necessidade de receber remuneração para conseguir pagar pela minha graduação e afins. Após processo de seleção, fui contratada para trabalhar enquanto vendedora (ISABELLA).

Esse relato destacou a importância do setor de varejo como uma oportunidade que abriu portas no mercado de trabalho. A motivação inicial para buscar emprego no varejo é descrita como uma combinação de aspirações pessoais, como conquistar independência financeira, e a necessidade prática de obter remuneração para custear a graduação e outras despesas.

O fato de ter passado por um processo seletivo e ter sido contratada como vendedora destaca a conquista de uma posição específica dentro do varejo. Esse tipo de experiência pode proporcionar não apenas renda, mas também oportunidades de aprendizado e desenvolvimento profissional, especialmente em um ambiente dinâmico como o varejo.

Esse relato reflete a realidade de muitas pessoas que ingressam no mercado de trabalho com objetivos específicos, utilizando o emprego como um meio para alcançar metas financeiras e educacionais. Além disso, o destaque para a busca pela independência financeira sugere uma motivação forte e autônoma para entrar no mundo profissional. Em suma, o varejo é apresentado como uma porta de entrada significativa para atingir metas pessoais e profissionais.

Desta forma, o varejo aparece como um lugar de acolhimento principalmente para as mulheres:

Já vai fazer quatro anos ou cinco que estou trabalhando já, e é muito importante para mim trabalhar que eu gosto muito do que eu faço, eu gosto de ver as pessoas se sentindo bem (ANA).

Porém, o varejo aponta seus desafios, principalmente frente ao horário que se estabelece de uma forma intensa, apresentando uma sobrecarga maior, conforme uma das entrevistadas relatou:

Acredito que um dos pontos maiores seria a carga horária, normalmente é um horário mais estendido, o comércio tem esse horário mais estendido, a gente tem épocas do ano que são mais difíceis, natal ou material escolar, horários mais estendidos. Às vezes a gente trabalha final de semana então tem essa dificuldade né (CLARA).

O horário é um desafio comum enfrentado por profissionais que trabalham no setor de comércio, especialmente no varejo. A observação de que o comércio muitas vezes opera em horários prolongados é uma realidade conhecida por muitos que trabalham nesse setor. A menção de épocas do ano mais desafiadoras, como o Natal ou o período de volta às aulas, ressalta as demandas sazonais que podem intensificar a carga de trabalho. Além disso, a referência ao trabalho nos finais de semana destaca a flexibilidade muitas vezes necessária para atender às necessidades do comércio, o que pode impactar a qualidade de vida e a disponibilidade para atividades fora do trabalho.

O reconhecimento de mulheres enfrentando horários inflexíveis no ambiente de trabalho é um aspecto digno de atenção e reflexão. Tal realidade pode ter implicações significativas no equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, impactando diretamente a qualidade de vida destas profissionais.

A falta de flexibilidade por parte de alguns empregadores, que podem não estar adaptando seus ambientes de trabalho para acomodar as necessidades diversas das funcionárias, pode ser uma barreira para mulheres que buscam conciliar suas responsabilidades profissionais com as pessoais, como cuidados familiares, estudos ou outras atividades.

Essa crítica aponta para a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e adaptável por parte das empresas, reconhecendo e valorizando a diversidade de circunstâncias e demandas enfrentadas pelas mulheres. Essa flexibilidade pode não apenas melhorar o bem-estar das profissionais, mas também contribuir para um ambiente de trabalho mais equitativo e produtivo.

Bom, hoje eu vejo que há bastante tempo as mulheres têm dominado a parte do mercado pela parte de se adaptar em todas as situações, né. A mulher é mais flexível, ela trabalha com um sorriso maior no rosto e ela tem uma necessidade maior, né, então o varejo hoje se tornou a porta aberta para as mulheres (PAULA).

A citação da entrevistada destaca a percepção positiva de que as mulheres desempenham um papel significativo e adaptável no mercado de trabalho, especialmente no setor varejista. No entanto, é importante observar que, embora a observação elogie as habilidades adaptativas e a flexibilidade das mulheres, também ressalta a expectativa de que as mulheres devem mostrar maior sorriso e atender a necessidades específicas.

Porém, tais expectativas, podem reforçar estereótipos de gênero. A ideia de que as mulheres devem ser mais flexíveis e sorridentes pode limitar a diversidade de expressões e estilos de trabalho que são inerentes a todos os profissionais, independentemente do gênero. É crucial promover um ambiente em que as mulheres possam ser reconhecidas e valorizadas por

suas habilidades e contribuições individuais, sem serem presas a padrões predefinidos de comportamento.

A partir desses comentários foi possível perceber que em muitas culturas, as mulheres historicamente foram associadas a atividades de comércio, como vendas e atendimento ao cliente, principalmente, pelas habilidades que de acordo com os padrões sociais deveriam apresentar. Essas tradições podem ter influenciado a preferência ou a escolha de carreira de algumas mulheres. O comentário abaixo pode evidenciar essa naturalização:

Acredito que as mulheres no comércio, elas têm mais potencial. Mais potencial do que um homem pela delicadeza que uma mulher atende uma cliente, trazendo para nossa realidade da nossa empresa por conhecer pessoas que são iguais a elas como dona de casa, dona do lar, mães, esposas, enfim... pessoas que trabalham né, ou que possuem a mesma realidade que elas, então penso que as mulheres no comércio têm muito mais habilidade e carisma no atendimento do que um homem, não que um homem não seja capaz de exercer a mesma função mas talvez a praticidade do homem é diferente do cuidado que uma mulher tem (CLARA).

A entrevistada se expressa com uma visão valorativa sobre as habilidades das mulheres no setor comercial, destacando sua percepção de que as mulheres possuem um potencial único, especialmente em termos de delicadeza no atendimento ao cliente. A ênfase na capacidade das mulheres de compreenderem e se conectarem com clientes que compartilham experiências semelhantes, como donas de casa, mães, etc., é apontada como uma vantagem. No entanto, uma análise crítica pode considerar que, ao enaltecer as características associadas tradicionalmente ao feminino, como a delicadeza, o texto pode inadvertidamente reforçar estereótipos de gênero. Isso pode limitar a diversidade de abordagens e estilos de trabalho que indivíduos, independentemente do gênero, podem oferecer.

Além disso, a observação de que "não que um homem não seja capaz de exercer a mesma função" sugere uma comparação direta entre as capacidades de homens e mulheres, o que pode ser interpretado como uma generalização e simplificação excessiva das habilidades individuais. Deste modo, faz-se necessário enfatizar a importância de reconhecer e valorizar as habilidades individuais de cada profissional, independentemente do gênero, promovendo um ambiente de trabalho inclusivo e livre de estereótipos.

4.2 Pesquisa e intervenção: grupo focal

A segunda etapa da intervenção foi organizada através de um grupo focal, que se organizou a partir de uma oficina que intitulou-se: "Liberdade de fazer o que gosta, o que pode e o que se quer", que surgiu a partir da fala de uma entrevistada que respondeu a um questionamento que, visava entender como as participantes percebiam a relação das mulheres

com o trabalho. Em sua resposta, a entrevistada trouxe que a relação ocorre a partir da liberdade, liberdade de ser quem é, de fazer o que gosta, o que pode e o que se quer.

Em vista disso, esse grupo teve como objetivo principal promover espaços de reflexão e trocas para que, a partir de atividades que funcionaram como disparadores, possibilitou-se um aprofundamento e problematização em processos que, por vezes, impedia a tarefa de “fazer o que se gosta, se pode e se quer”.

O grupo foi destinado, em específico, para o público feminino, uma vez que, a reflexão era sobre o contexto cultural da mulher e afins. Neste sentido, esse grupo também atribuiu-se para as mulheres que tenham como uma de suas características a atuação no mundo laboral. A atividade ocorreu, obrigatoriamente, em local que garantiu o sigilo das participantes, considerando-se que algumas atividades que foram propostas poderiam suscitar sentimentos delicados.

Segundo Schvingel, Giongo e Vier Munhoz (2017) a técnica nomeada de grupo focal apresenta-se como uma possibilidade para a emergência de dados, suscitando discussões acerca de um tema ou objeto de investigação, sendo constituída a partir de um grupo de pessoas reunidas por um pesquisador com a intenção de dialogar e comentar um tema e o objeto de uma pesquisa, a partir de experiências vividas acerca de assuntos emergentes na sociedade e problematizadas pelo investigador.

Nicaretta (2013) descreve que essa técnica é frequentemente utilizada em investigações com abordagem qualitativa, pois permite a obtenção de informações a respeito do objeto de pesquisa, que, por meio de outras metodologias de origem quantitativas, não seriam alcançadas. Para a autora, o coordenador do grupo focal deve ter uma postura de facilitador durante as discussões, para que não haja nenhuma influência nas opiniões, promovendo a participação de todos, encorajando-os a se envolverem nas discussões.

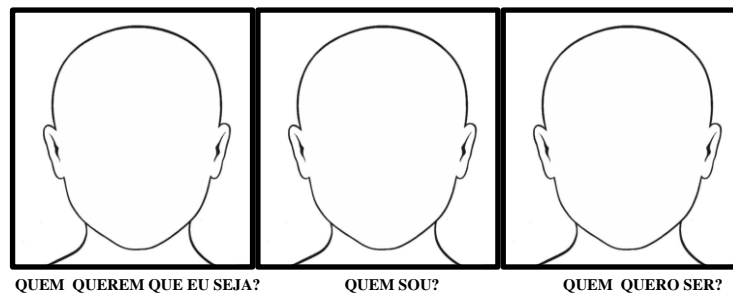
A utilização de grupo focal como técnica de pesquisa/intervenção enaltece a importância da análise das interações e das trocas entre os informantes, exigindo da pesquisadora um olhar e uma escuta atenta para: as rupturas, os silêncios, os consensos, e dissensos e as sequências das falas. Desta forma, a linguagem e representação, discursos e enunciados, são parte vital das práticas, eles mesmos são práticas, e estas se impõem ao sujeito. O grupo focal é uma técnica que permite ao pesquisador analisar esses entendimentos de modo sistêmico, analisando o todo (SCHVINGEL *et al*, 2017).

A atividade principal do grupo focal consistiu em responder a três grandes questões. Afinal, durante os relatos das mulheres, foi possível perceber que elas se referiam a três lugares

diferentes, ou seja, três pensamentos sobre o seu lugar enquanto mulher que ficaram evidentemente marcados que diziam:

- A mulher que querem que eu seja?;
- A mulher que sou?;
- A mulher que eu gostaria de ser?.

A atividade principal consiste na entrega de três folhas para cada mulher que aceitar participar da atividade. As folhas entregues caracterizavam o formato de um rosto, conforme imagem abaixo:



Cada rosto teve a intenção de responder a uma pergunta, ou seja, o primeiro questionou: “A mulher que querem que eu seja?”. O segundo consistiu em indagar: “A mulher que sou?”. O terceiro questionamento indagava sobre: “A mulher que eu quero ser?”. Além de responder a pergunta, foi disponibilizado material para pintura e criação de expressão destes rostos caso houvesse interesse das participantes.

O encontro realizado dividiu-se da seguinte forma:



4.2.1 Proposta do encontro

O encontro realizado, dividido em três momentos, teve como objetivo responder algumas inquietações do projeto de pesquisa intitulado “**mulheres trabalhadoras do comércio: perspectivas e vivências**”.

Que tal um tempo para você?
Permita-se!



"liberdade de fazer o que gosta, o que pode e o que se quer"

Realizado por Geovana Machado Psicóloga
Dia 20/07- 19h30
Local: Sindilojas
Capitão Porfirio, N° 1531

Inscrições pelo WhatsApp
 **(51) 996152439**

Evento gratuito para mulheres do comércio de Montenegro- RS

4.2.2 Associação-livre de palavras

4.2.2.1 Dispositivos utilizados

O primeiro momento consistia em um sorteio de palavras para que cada participante utilizasse do dispositivo para se apresentar a partir de uma associação-livre de palavras. As palavras utilizadas foram: dificuldade, marido, família, ajuda, sociedade, liberdade e peso. Que foram palavras utilizadas repetidamente nas entrevistas, deste modo, selecionadas para a dinâmica. Das palavras retiradas, acho importante destacar e comentar alguns pontos.

4.2.2.2 Falas das participantes

4.2.2.3 Sobre as dificuldades

Participante A: *“dificuldade, sempre enfrentei as dificuldades da minha vida, vejo elas como um desafio. Trabalho no ramo de joias”.*

Neste momento ela comentou sobre a dificuldade da Pandemia, momento em que precisou se reinventar. Abriu sua loja a partir de uma dificuldade e percebeu que tinha o dom de vender, a partir de sua empatia.

4.2.2.4 Maridos que apoiam

Participante K: *“marido..., sou gestora de depósito. Nosso relacionamento sempre foi muito bom. Sempre me apoiou”.*

Nesta fala, é possível perceber a presença de uma rede de apoio, onde o marido a incentivou a exercer sua atividade profissional. Neste sentido, a participante sugere um bom relacionamento devido a esse incentivo.

4.2.2.5 Mãe, mulher, maternidade e identidade

Participante AG: *“trabalho na empresa há 20 anos. Tenho uma filha de 17 anos que também trabalha na mesma empresa. Família é tudo para mim, e depois que virei mãe, virei mãezona de todos. Antes eu era muito brava e irritada, hoje gosto de me arrumar, arrumar meu cabelo”.*

A trajetória de 20 anos na mesma empresa é notável, e é interessante observar como a experiência profissional se entrelaça com a dimensão familiar. O fato de ter sua filha trabalhando na mesma empresa destaca uma conexão especial, onde o ambiente de trabalho se torna, de certa forma, uma extensão do núcleo familiar.

Outro contraponto é que a empresa onde a trabalhadora atua, oferece boas condições de trabalho, flexibilidade e apoio a esta mulher, que então se satisfaz que a filha esteja no mesmo local.

A mudança de postura, de ser "brava e irritada" para uma apreciação do cuidado pessoal e do visual, sugere uma evolução pessoal ao longo do tempo. Tornar-se mãe parece ter desempenhado um papel significativo nessa transformação, refletindo a importância da família em sua vida e influenciando positivamente sua abordagem em relação aos outros.

A expressão "mãezona de todos" destaca uma disposição para cuidar e apoiar, não apenas de sua própria família, mas também dos colegas de trabalho. Esse aspecto humanizador no ambiente de trabalho pode criar uma atmosfera mais acolhedora e colaborativa, mas que de certo modo, geralmente é um papel feito pela mulher. Fica a reflexão crítica a cerca de quem sempre quem cuida é a mãe/mulher.

4.2.2.6 Mulher não é rocha, ela cansa e precisa de ajuda

Participante V: *“ajuda? Por muito tempo não soube pedir ajuda, fui uma rocha, muito fragilizada, não olhava para mim. Achava que só precisaria olhar para o outro, e não cuidava de mim. Buscar ajuda me tornou uma profissional melhor. Hoje tenho empatia muito grande, pois já tive essa tristeza. A ajuda é necessária para que as pessoas possam florescer. É corajoso pedir ajuda. Relembrou ainda que perguntou um dia para sua Psicóloga que dizia, “quando vai parar de ser tão difícil”.*

É muito necessário que as mulheres aceitem a sua vulnerabilidade, o seu cansaço e que se vejam como humanas. A narrativa revela uma jornada de autodescoberta e crescimento pessoal ao longo do tempo. O reconhecimento da própria fragilidade, a hesitação em pedir ajuda e a transformação subsequente sugerem uma evolução notável.

A metáfora de ser uma "rocha" por muito tempo destaca a resistência, mas também a vulnerabilidade não reconhecida. A mudança de perspectiva, passando de focar exclusivamente nos outros para cuidar de si mesma, é um ponto crucial na história. A conscientização da importância de buscar ajuda é apresentada como uma virada positiva, contribuindo para o desenvolvimento profissional e pessoal.

A ênfase na empatia resultante da experiência pessoal demonstra um entendimento profundo das emoções e desafios dos outros. O elogio à coragem de pedir ajuda é significativo, destacando a superação de estigmas e a importância de aceitar apoio para florescer.

A referência à pergunta à psicóloga, "quando vai parar de ser tão difícil", revela a busca por alívio e a compreensão de que a mudança começa com a coragem de enfrentar as dificuldades. Essa história é um testemunho inspirador da transformação que ocorre quando se permite ser vulnerável e buscar ajuda.

4.2.2.7 Desconstruindo: resistência ao estigma de gênero

Participante AA: *“sociedade... bom, tenho 26 anos e trabalho em uma sociedade que nada é comum. Trabalho em uma empresa que só tem homens. Por trabalhar com homens, me identifiquei com isso por muito tempo. Não posso deixar ninguém falar nada que já – dou no meio -. Mas entendi que não preciso deixar de ser eu para estar ali. Eu achava que precisava ser igual a todos, mas, na verdade, não preciso. Quando iniciei havia o estigma de não ser tarefa para mulher”.*

A sua experiência revela desafios significativos em um ambiente profissional predominantemente masculino. A identificação inicial ao adotar uma postura mais assertiva para se destacar e se impor é compreensível, dada a dinâmica singular da situação.

A percepção de que era necessário se moldar para se encaixar, adotando comportamentos mais alinhados ao ambiente masculino, é uma reflexão comum em contextos onde há estigmas de gênero. A ideia de que certas tarefas não eram consideradas adequadas para mulheres, inicialmente, reflete o impacto das expectativas sociais e estereótipos de gênero.

A compreensão de que não é necessário perder a autenticidade para se integrar ao ambiente é um importante desenvolvimento pessoal. Aceitar que ser única, mesmo em um contexto predominantemente masculino, pode ser uma força e não uma fraqueza é uma revelação poderosa.

Essa história destaca não apenas os desafios enfrentados pelas mulheres em campos tradicionalmente masculinos, mas também a importância de manter a própria identidade e resistir aos estigmas de gênero. A diversidade de perspectivas e abordagens enriquece os ambientes de trabalho, independentemente do gênero.



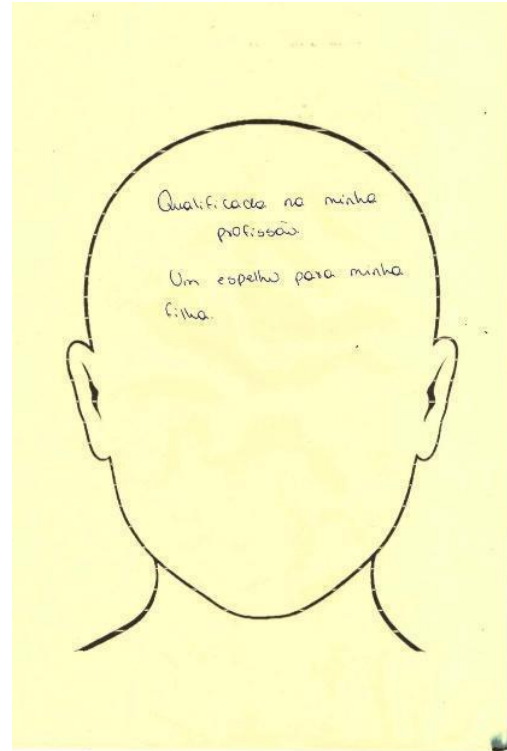
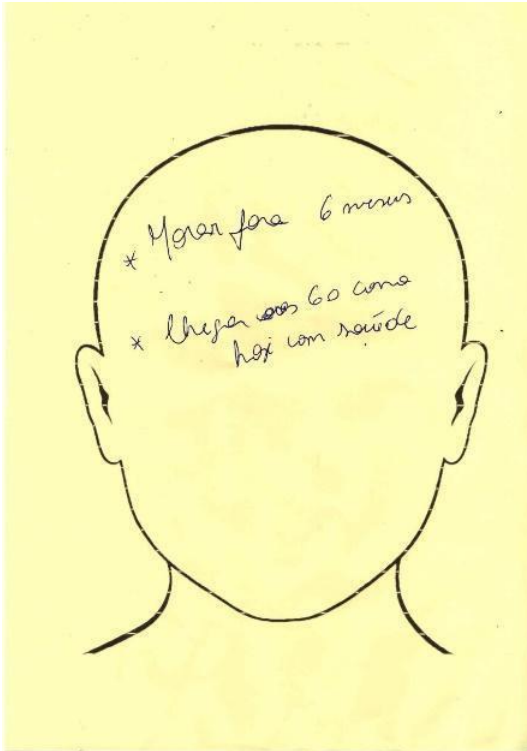
4.2.3 Múltiplas faces de mim

4.2.3.1 Dispositivo utilizado

Para contemplar a proposta do encontro, utilizou-se três folhas de ofício de cores diferentes. Cada participante recebeu três folhas coloridas. O momento dividiu-se em três etapas: a) na folha de cor amarela deveriam responder: que mulher que eu quero ser? b) na folha de cor verde deveria responder: que mulher que querem que eu seja? e c) na folha de cor rosa, deveriam responder o seguinte questionamento: que mulher eu sou?.

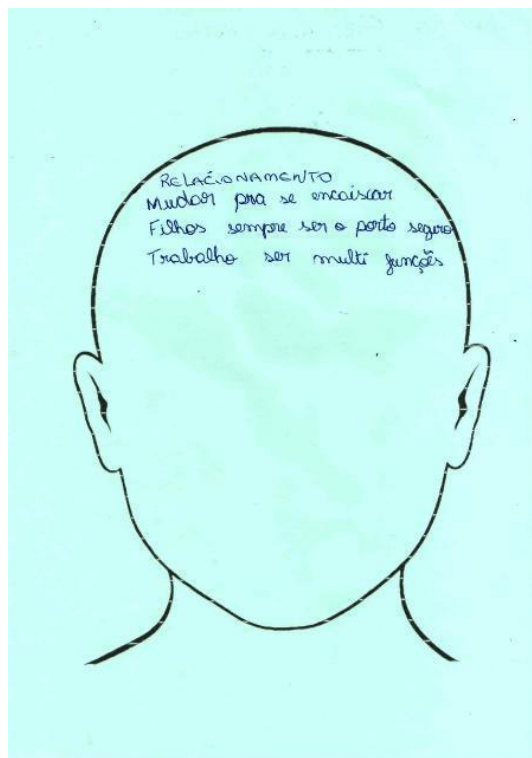
4.2.3.2 A mulher que quero ser

Aqui podemos perceber que as mulheres buscam seus anseios, desejando ser independentes e pensando em qualificar-se, morar em outro país e o que aqui se faz mais importante ainda, elas estão desejando o cuidado com a saúde.



É importante enaltecer a preocupação com o cuidado em sua saúde, porque muitas mulheres pensam mais em cuidar do outro, como sua tarefa principal e acabam por precisar abdicar de si. É importante ressaltar a condição geracional, sugerindo a ideia de espelho e transmissão de valores para a filha.

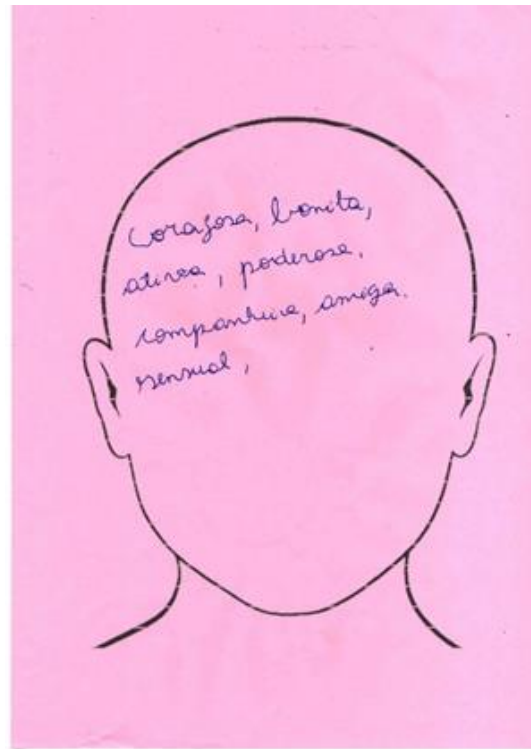
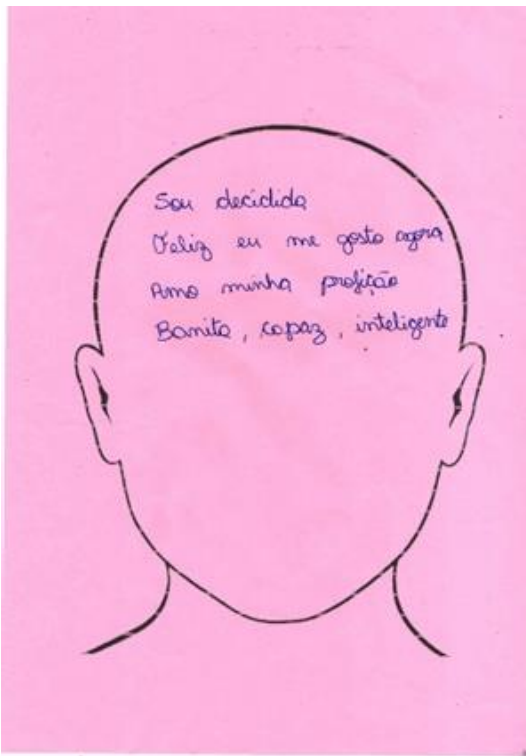
4.2.3.3 A mulher que querem que eu seja



Evidentemente aparece aqui a ideia de mulher como multitarefas, a mãe que cuida de todos (menos de si) e tem que se enquadrar nas expectativas dos outros. A entrevistada ainda ressaltou “mulher que deve mudar, afinal os homens são assim mesmo e não querem mudar”. Nesta dinâmica foi possível perceber que as mulheres estão pensando sobre seu lugar e cada vez mais rompendo com os estereótipos estabelecidos para si. Elas se dizem “safadas” ou seja, rompendo o tabu de sexualidade da mulher, dando ênfase a uma mulher que tem o seu espaço e identidade na vida. Para além de uma mãe e trabalhadora, existe um ser humano que também tem seus desejos, anseios e que precisa também olhar para o seu eu.

4.2.3.4 A mulher que sou

Na maioria dos rostos, foi possível perceber a afirmação de capacidade das mulheres participantes, bem como seu apreço pela profissão. Mulheres mais decididas e independentes, valorizando suas capacidades e buscando seus sonhos com voracidade.



É importante ressaltar que antes de chegar nessa “face”, essas mulheres já passaram por muitas dificuldades e que com a ajuda da “terapia”, da “mídia” a cada dia buscam romper movimentos impeditivos e estigmatizantes.

GRUPO FOCAL 3º MOMENTO	“LIBERDADE DE FAZER O QUE GOSTA, O QUE PODE E O QUE SE QUER”
---	---

4.2.4 Sincronizando passos

4.2.4.1 Dispositivos utilizados

Como momento final, com o objetivo de proporcionar uma conexão entre as participantes, conduziu-se o grupo de mulheres a se movimentarem juntas a partir de uma música calma. Em círculo e de mãos dadas, as participantes sincronizaram seus passos e dançaram de forma alegre e libertadora.

Foi um momento muito divertido, de trocas e que possibilitou inclusive novas conexões, as mulheres participantes foram muito entregues e todas pediram por mais encontros como este, mesmo tendo uma carga horária intensa e sendo extremamente sobrecarregadas. Referiram o encontro como um momento terapêutico e um espaço de aprendizado e reflexão.



5 APRESENTAÇÃO DO ARTIGO

Equilibrando múltiplos papéis: mulher, trabalho e maternidade (Balanced multiple roles: woman, work and motherhood)

O artigo intitulado “Equilibrando Múltiplos Papéis: Mulher, Trabalho e Maternidade” foi enviado para a Revista Trabalho (En)Cena, que possui Estrato Qualis Capes: B1, sendo uma revista vinculada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins e ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília.

A pesquisa ressaltou a complexidade subjacente à tentativa de equilibrar esses papéis multifacetados, especialmente diante dos persistentes desafios impostos pela desigualdade de gênero e as expectativas sociais arraigadas.

6 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO

O produto técnico construído se classifica como “Produto de editoração”. Segundo orienta a Produção Técnica da CAPES, o produto de editoração resulta de atividade editorial de processos de edição e publicação de obras de ficção e não-ficção. Compreende planejar e executar, intelectual e graficamente produtos como: livros, enciclopédias, organizando textos, ilustrações, diagramação etc. com vinculação ao Programa (projetos, linhas, discentes/egressos). Exemplos: mídia impressa (jornal, revista, livro, panfleto, cartaz, etc.), eletrônica (e-books, mídias interativas) ou digital, como internet e celular (BRASIL, 2019).

Neste caso, compreende-se de um produto de internet, que se compõe de um site elaborado com a intenção de contribuir com conteúdo intelectual para mulheres ou qualquer público que se interesse, informando sobre conteúdos que favoreçam a equidade de gênero e ampliem a visibilidade feminina na sociedade.

A discussão sobre a criação do produto técnico desta pesquisa foi muito intensa, assim como tudo que foi escrito neste trabalho. Começamos com a ideia de ter um aplicativo no estilo do “BabyCenter”, que é uma plataforma muito conhecida e respeitada que oferece uma variedade de recursos e informações para pais e futuros pais, incluindo um aplicativo móvel. O aplicativo BabyCenter é uma ferramenta útil que fornece informações, rastreamento de gravidez, dicas de cuidados com o bebê e muito mais. Com o aplicativo BabyCenter, os pais podem acessar informações e recursos relacionados à gestação, desenvolvimento infantil e cuidados com os filhos. Neste caso, faríamos um aplicativo que contemplasse as mulheres.

Após longas e drásticas mudanças no projeto, pensamos em um caderno de expressão que contemplasse a possibilidade de expressão das mulheres, como um “Bullet Journal” que é um método de organização que segue alguns passos e tem intenção de preencher e personalizar as folhas de um caderno para planejar melhor suas atividades, além de acompanhar e desenvolver seus hábitos. O Bullet Journal permite que você tenha um registro completo das suas tarefas do dia a dia. Neste caso, as mulheres poderiam expressar livremente os seus sentimentos, suas conquistas, alegrias, tristezas e “fardos” deste ser mulher.

Porém, ao longo das etapas de intervenção que foram compostas por: entrevista e grupo focal - foi possível perceber que as mulheres tinham pouco tempo, ou seja, já tinham uma sobrecarga de tarefas que não lhes permitiriam demandar tanto tempo a algo. E ainda ao longo das intervenções foi possível perceber a necessidade de ter um produto técnico com maior abrangência.

Foi então que surgiu a ideia de elaborar um “site” onde fosse possível colocar informações de artigos, livros, leis, vídeos que pudessem abordar sobre temáticas de interesse

das mulheres, possibilitando a partir deste, uma troca, onde mulheres pudessem acolher, orientar, ajudar e até se conectar com outras mulheres. Uma “rede” com saberes e sentimentos que pudesse abarcar estes múltiplos lugares que a mulher ocupa.

6.1 Sobre o site

O site "Mulheres na Rede" representa um espaço dedicado à expressão e à unidade das mulheres, oferecendo uma plataforma onde elas podem compartilhar suas experiências pessoais, narrativas de vida, obstáculos e triunfos. O objetivo é proporcionar um local onde as mulheres possam encontrar informações e conteúdo relevantes que as ajudem a estabelecer conexões significativas em meio aos desafios e oportunidades que o mundo oferece.

Esse espaço é inestimável, pois permite que as mulheres se apoiem mutuamente, encontrando um senso de comunidade onde suas vozes são valorizadas e suas experiências são compreendidas. Isso cria um ambiente propício para a troca de ideias, conselhos e soluções para desafios comuns, capacitando as mulheres a enfrentar questões que afetam suas vidas cotidianas e aspirações pessoais.

O “Mulheres na Rede” pode ser uma fonte valiosa de informações, apoio e inspiração para mulheres em todo o mundo. Ele pode servir como uma plataforma para a promoção da igualdade de gênero e para destacar as vozes e realizações das mulheres em todas as esferas da vida. Além disso, pode contribuir para a conscientização e mudanças positivas em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

6.2 Benefícios do site “mulheres na rede”

Um site com o nome "Mulheres na Rede" pode ser benéfico por várias razões:

Comunidade e Apoio: Onde mulheres podem compartilhar experiências, desafios e sucessos. Isso promove um senso de solidariedade e apoio, permitindo que as pessoas se conectem e se fortaleçam mutuamente.

Recursos e Orientações: Fornecendo recursos práticos, como informações sobre direitos das mulheres, serviços de apoio, conselhos sobre como lidar com a discriminação de gênero e muitos outros temas relacionados à mulher.

Amplificação de Vozes: Oferecendo um espaço onde as vozes das mulheres podem ser amplificadas. Isso é particularmente importante em sociedades onde as mulheres historicamente tiveram menos oportunidades de se expressar.

Mudança Social: Ao sensibilizar e envolver as pessoas, contribuirá para a mudança social. Eles podem influenciar políticas, leis e atitudes em direção à igualdade de gênero.

Desconstrução de Estereótipos: Tem a intenção de desafiar estereótipos de gênero prejudiciais, abrindo caminho para uma sociedade mais inclusiva e diversificada.

Quebra de Estigmas e Tabus: Ao criar um espaço onde as mulheres podem discutir tópicos sensíveis e quebrar estigmas, o site contribui para uma sociedade mais aberta e inclusiva.

Promoção da Sororidade: Pode promover o conceito de sororidade, encorajando as mulheres a apoiar umas às outras e trabalhar juntas para superar desafios comuns.

Celebração de Conquistas: Além de destacar desafios, é importante celebrar as conquistas das mulheres em todas as áreas, destacando modelos de sucesso e inspirando futuras gerações.

A estrutura do site compõe-se das seguintes categorias:

- Sobre o site;
- Artigos;
- Vídeos;
- Livros;
- Leis;
- Maternidade;
- Chat/FAQ (com perguntas e respostas);
- Serviços de Saúde.

O site será criado por uma mulher, assim como o logo que foi desenvolvido. A intenção do logo é representar o movimento de conexão entre mulheres em busca de informações e apoio por meio do site.



A imagem do logo sugere as conexões como uma vasta constelação de estrelas, simbolizando mulheres que brilham, alcançam o sucesso e são iguais em um céu amplo, livre de desigualdades, onde as mulheres se apoiam mutuamente.

6.3 Etapas de construção do site conforme a criadora (terceira) já está produzindo

1. *Instalação do WordPress:*

- Realizou o download da versão mais recente do WordPress em <https://wordpress.org/> e procedeu com a transferência dos arquivos para o diretório raiz do servidor de hospedagem utilizando FTP, garantindo a preservação da estrutura de pastas e permissões adequadas.

2. *Configuração do Banco de Dados:*

- Procedeu à criação de um banco de dados MySQL por meio do painel de controle da hospedagem. Atribuiu um usuário exclusivo ao banco, fornecendo permissões mínimas necessárias para operações CRUD. Durante a instalação do WordPress, inseriu manualmente as credenciais pertinentes, incluindo nome do banco de dados, nome de usuário e senha, no arquivo wp-config.php.

3. *Configurações do WordPress:*

- Acessou o arquivo `wp-config.php` para ajustar configurações avançadas, como chaves de segurança e opções de cache, conforme necessário.

4. *Escolha e Configuração do Tema:*

- Escolheu um tema, fez o download e o instalou no painel de administração do WordPress. Depois, ajustei as configurações específicas do tema.

5. *Escolha da paleta de cores*

- Escolheu junto da mestranda uma paleta harmônica que remete ao tema do site.

6. *Instalação de Plugins:*

- Escolheu e instalou plugins relevantes para minhas necessidades, configurando cada um conforme necessário no painel de administração.

7. *Configuração de Permalinks:*

- Acessou as configurações de permalinks no painel de administração e definiu uma estrutura amigável para URLs.

8. *Criação de Conteúdo:*

- Utilizou o editor de blocos para criar e formatar postagens e páginas, fazendo upload de mídia diretamente no editor ou gerenciando na biblioteca de mídia.

9. *Configuração de Comentários:*

- Gerenciou configurações de comentários no painel de administração, incluindo moderação e configurações anti-spam. Considerei a integração de plugins de comentários para funcionalidades adicionais.

10. *SEO:*

- Deixou o site otimizado para SEO.

11. *Segurança e Backup:*

- Utilizou plugins de segurança para proteger meu site contra ameaças e o configurei para facilitar backups, caso necessário para garantir a recuperação de dados em caso de falhas.

12. *Atualizações:*

- Manteve o WordPress, temas e plugins atualizados para corrigir vulnerabilidades de segurança e garantir a compatibilidade com versões mais recentes.

13. *Análise de Desempenho:*

- Otimizou o tamanho das imagens e arquivos de mídia para tornar o carregamento do site mais rápido.

O site já recebeu os materiais necessários para seu início e será concluído em 04 de dezembro deste ano de 2023.

Saliento que a demora da criação foi necessária para que fosse feito um bom trabalho, principalmente a busca por uma mulher para a criação, que foi altamente difícil, fez com que o prazo viesse a se estender.

O site será mantido e gerenciado por mim, Geovana, e será atualizado a cada mês. Ele será divulgado a partir de redes sociais (a minha rede, sindilojas, comércio) e ainda contará com um QRcode que será colocado em via pública com a intenção de produzir acessos a partir de mulheres de qualquer classe social e faixa etária. O anúncio junto ao QRcode deverá chamar: “MULHER, vem pra REDE! Acesse o QRcode e vem ver o que temos para ti!”.

Algumas telas da construção:



Escolhas do Editor



lorem ipsum

November 24, 2023 | Artigos



lorem ipsum

November 24, 2023 | Artigos



Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata

November 28, 2023 | Artigos | Trabalho



Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata

November 28, 2023 | Artigos | Trabalho

Saúde Mental



lorem ipsum

24 Nov 2023 | Saúde Mental



faça terapia20

24 Nov 2023



lorem ipsum

24 Nov 2023 | Saúde Mental



Trabalho



28 Nov 2023 | Artigos

Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata



Trending

November 24, 2023 | Artigos

lorem ipsum

Learn more

November 28, 2023

Artigos | Trabalho

Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata

Learn more

November 28, 2023

Artigos | Trabalho

Trabalho feminino, desigualdades de gênero e formas de subjetivação no setor de serviços no Brasil

Learn more

November 24, 2023 | Trabalho

lorem ipsum

Learn more

Participe Da Nossa Comunidade

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut elit tellus, luctus nec ullamcorper mattis, pulvinar dapibus leo.

- Regular Access to Quality Content
- Convenience and Delivery
- Enjoy the publication regularly

— TRY FOR FREE



lorem ipsum

November 24, 2023 | Artigos

Posts Recentes

lorem ipsum

Artigos

Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata

Artigos | Trabalho

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas compartilhadas por mulheres no cenário profissional revelam uma gama de significados associados ao trabalho, destacando a busca por liberdade, autonomia financeira e independência. O trabalho é percebido não apenas como uma fonte de estabilidade financeira, mas também como uma maneira de perseguir interesses e paixões, sublinhando a importância do empoderamento feminino.

Ao longo do tempo, os papéis das mulheres no mercado de trabalho evoluíram, redefinindo expectativas e possibilidades. A independência financeira não é apenas vista como uma necessidade, mas como um meio de promover a igualdade de oportunidades entre os gêneros. A transmissão desses valores de geração em geração sugere uma mudança progressiva nas perspectivas sobre o papel da mulher na sociedade.

Entretanto, as histórias também destacam desafios enfrentados pelas mulheres, incluindo a persistência de estigmas de gênero em alguns ambientes profissionais, manifestando questões relacionadas ao machismo. A resistência e a necessidade de romper com expectativas sociais tradicionais são elementos recorrentes, enfatizando a importância contínua de promover ambientes de trabalho inclusivos e igualitários.

A experiência da maternidade no contexto profissional emerge como um ponto crucial, ilustrando a necessidade de equilibrar responsabilidades familiares e profissionais. A falta de flexibilidade em relação aos horários em alguns ambientes de trabalho representa um desafio significativo que pode impactar o bem-estar das profissionais. Além disso, destaca-se a importância de uma rede de apoio ativa e uma paternidade que compartilhe os compromissos, em vez de se isentar.

Ser mãe pode ser uma escolha desafiadora quando se precisa dar conta de tantas responsabilidades, e o retorno ao trabalho muitas vezes é acompanhado de julgamentos e sentimentos de culpa por deixar os filhos. As mulheres têm o direito de pedir ajuda, reconhecer o cansaço e entender que não são super-heroínas, mas sim seres humanos.

No setor de varejo, as mulheres encontram oportunidades, mas também enfrentam desafios, como carga horária intensa e períodos sazonais cansativos. A valorização das habilidades femininas no atendimento ao cliente, como simpatia, delicadeza e habilidade multitarefa, destaca a importância do setor, ao mesmo tempo em que levanta questões sobre a expectativa de conformidade com estereótipos de gênero.

Essas histórias oferecem uma visão abrangente das experiências femininas no mundo profissional, destacando conquistas, desafios e a necessidade contínua de promover ambientes

de trabalho que valorizem a diversidade, a igualdade e o respeito mútuo. Elas contribuem para uma compreensão mais profunda das complexidades nas trajetórias profissionais das mulheres, enfatizando a importância da promoção contínua da igualdade de gênero e da valorização das contribuições individuais, independentemente do gênero.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. et al. *Políticas Públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da Covid-19: ações presentes, ausentes e recomendadas*. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200624_nt_disoc_78.pdf. Acesso em 10.07.2020. Acesso em: 04 de abr. de 2022.
- ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.
- ARRELLAGA M. M.; MONTEIRO, P. *Os estragos invisíveis da pandemia para as mães solo*. 2020. EL PAÍS. Rio de Janeiro e São Paulo, 17 março de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-17/os-estragos-invisiveis-da-pandemia-para-as-maes-solo.html>. Acesso em: 09 de jun. de 2021.
- BARROS, J. de O.; LACMAN, S. *A centralidade do trabalho para a construção da saúde*. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2016 maio/ago. 27(2):228-35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/119227/116632>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.
- BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. *Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis*. Aletheia, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bv>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BEZERRA, A, S., et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Rev. Cien Saude Colet* (2020/Abr). Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-ao-comportamentoda-populacao-durante-o-isolamento-social-na-pandemia-de-covid19/17551?id=17551&id=17551>. Acesso em: 21 de mar. de 2022.
- BIANCONI, Giuliana et al. *Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. [S. l.]: Gênero e Número; SOF Sempreviva Organização Feminista, [2020]. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 24 de mar. de 2022.
- BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Editora Boitempo, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/9n7Jq6DBZsVsNMfg7SGqhBS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de mai. de 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Produção técnica: grupo de trabalho*. Brasília: MEC; CAPES, 2019. Disponível em: https://portalvirtual.unisc.br/moodle/pluginfile.php/964432/mod_resource/content/1/CAPES%20prod%20t%C3%A9cnica.pdf?redirect=1. Acesso em: 11 set. 2022.
- CARTER, B., & McGoldrick, M. (2008). *As mudanças no ciclo de vida da família: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *GÊNERO, TEMPOS DE TRABALHO E PANDEMIA: por uma política científica feminista*. Linha Mestra, [S.L.], v. 14, n. 41, p. 23-

31, 8 set. 2020. Revista Linha Mestra. <http://dx.doi.org/10.34112/1980-9026a2020n41ap23-31>. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/388>. Acesso em: 12 jun. 2021.

CASTRO, Ana Beatriz Cândido; SANTOS, Jakciane Simões dos; SANTOS, Jássira Simões dos. *Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho feminina na sociabilidade capitalista*. Anais do VI Seminários CETROS sobre Crise e mundo do trabalho no Brasil, p. 22-24, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51197-29062018-084053.pdf>. Acesso em: 14 de abr. de 2022.

CISNE, M. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 1. Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

COSTA, D. M.; GHISLENI, A. C. *A Pesquisa-Intervenção no Mestrado Profissional e suas possibilidades metodológicas*. Educar em Revista, v.37, e79785, 2021. Disponível em: https://portalvirtual.unisc.br/moodle/pluginfile.php/920536/mod_resource/content/1/texto%200%20interven%C3%A7%C3%A3o%20mestrado%20profissional.pdf?redirect=1 Acesso em: 28 mai. 2022.

CUNHA, B. M. *Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero*. XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%3A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2018.

DEJOURS, C. *Subjetividade, trabalho e ação*. Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/V76xtc8NmkqdWHd6sh7Jsmq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

FLECK, A. C.; FALCKE, D.; HACKNER, I. T. *Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família*. In: WAGNER, A. (Org.). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HIRATA, H. *Teorias e práticas do care: estado sucinto da arte, dados de pesquisa e pontos em debate*. In: FARIA, Nalu; MORENO, Renata (Orgs.). Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2010.

IPEA - Mercado de trabalho : *conjuntura e análise / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho*. – v.1, n.0, (mar.1996)-.- Brasília: Ipea: Ministério do Trabalho, 1996- Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/210512_bmt_71_nota_tecnica_a3.pdf. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. *A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia*. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 917-928, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. de 2021.

NEVES, M. de A. Anotações sobre trabalho e gênero. *Cadernos de Pesquisa*. V.43 n.149 p.404-421 maio/ago.2013. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/2655>. Acesso em: 25 de mai. de 2021.

NICARETTA, Elisângela Isabel. *Problematizando Educação, Matemática(s) e Tecnologias numa Prática Pedagógica no Ensino fundamental*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino de Ciências Exatas, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 14 jun. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/334>. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

MARCONDES, M. M. *Observa Desigualdades Boletim* [recurso eletrônico] / organizado por Mariana Mazzini Marcondes, Clara Carolina Cândido do Nascimento e Ana Raquel Cavalcante de Lima. – 1. ed. – Natal: SEDISUFRN, 2021. Disponível em: https://ccsa.ufrn.br/portal/wp-content/uploads/2021/04/Boletim_ObservaDesigualdades.pdf. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

MORAES, E. *Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena*. Maringá: Eduem.. 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-12.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2021.

PINTO MARTINS, S.: *Derecho del Trabajo*, São Paulo, Atlas, 2008.

PROBST, E. R. *A Evolução da mulher no mercado de trabalho*. 2014. Disponível em: http://www.mobilizadores.org.br/wpcontent/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf. Acesso em: 07 jun. 2022.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SCHVINGEL, C.; GIONGO, I. M.; VIER MUNHOZ, A. *Grupo Focal: Uma Técnica De Investigação Qualitativa*. *Debates em Educação, [S. l.]*, v. 9, n. 19, p. 91, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/3455>. Acesso em: 25 jun. de 2023.

SILVA, Diogivânia Maria da; DE OLIVEIRA LIMA, Albenise. *Mulher, trabalho e família na cena contemporânea*. *Contextos clínicos*, v. 5, n. 1, p. 45-51, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822012000100006. Acesso em: 12 de jun. de 2022.

SECCO, Marivete Leonor; LUCAS, Michele Gaboardi. *A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes*. *Pensando fam*. Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 61-76, jun. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso: em 11 nov. 2023.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. *A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década*. *Estudos Avançados, [S.L.]*, v. 30, n. 87, p. 123-139, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.30870008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SOUZA, S. R.; NUNES, N. A. *Análise da tecnologia social no Brasil: uma pesquisa bibliométrica*. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 2, p.14720-14734, fev, 2022.

Disponível em:

https://portalvirtual.unisc.br/moodle/pluginfile.php/955073/mod_resource/content/1/44548-111421-1-PB.pdf?redirect=1 Acesso em: 11 de set. 2022.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/gZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/>. Acesso em: 11 de set. 2022.

VASCONCELOS, V. M.; VIANA, B. A.; FARIAS, I. C. *Impactos da Pandemia Covid-19 nos Casos de Violência Doméstica Contra Mulheres*. Barbarói, v. 1, n. 60, 7 mar. 2022.

Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/16270>. Acesso em: 23 de mar. de 2022.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento para Responsabilizado

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA RESPONSABILIZADO

Prezado(a) senhor(a),

Você está sendo convidado/a para facultar a participação de seu/sua responsabilizado/a como voluntário/a do projeto de pesquisa intitulado “As mulheres trabalhadoras do comércio e sua relação com o trabalho”, vinculado ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia Profissional – Mestrado e Doutorado da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Nesta pesquisa, queremos compreender como as mulheres percebem a relação que estabelecem com o mundo do trabalho na contemporaneidade, com ênfase no comércio varejista, identificando como as experiências de trabalho são significadas pelas mulheres no contexto do trabalho, analisando as vivências de trabalho relativas à produção de saúde de mulheres que atuam no comércio varejista. O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é a mestranda Geovana Machado da Silva sob orientação das Professoras Dra. Edna Linhares Garcia e Dra Karine Vanessa Perez, que poderá ser contatada a qualquer tempo através do número (051) 995567069 e do e-mail geovana@lojaobaoba.com.

A participação na pesquisa acima indicada de seu/sua responsabilizado/a é possível porque ele atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são ser mulher trabalhadora do comércio Montenegriño e que tenha trabalhado durante o período de pandemia. A participação de seu/sua responsabilizado(a) consiste em participar de uma entrevista semiestruturada, com duração de sessenta (60) minutos e foram realizados fora do horário de trabalho do entrevistado. A entrevista será realizada no consultório clínico da pesquisadora, situado à São João, nº 1637, sala 403, Ed. Manhattan, em Montenegro/RS.

Nessa condição, é possível que alguns desconfortos emocionais aconteçam, os quais podem ser manifestados através do choro. Os riscos/desconfortos, se ocorrerem, serão minimizados da seguinte forma: o(a) participante será acolhido(a) por esta facilitadora durante e/ou após o desconforto sentido. Por outro lado, a participação de seu/sua responsabilizado(a) poderá trazer benefícios, como produzir um aprendizado socioemocional e afetivo, possibilitando dividir entre os pares as emoções sentidas, trabalhar as significações por cada um nomeado e buscar possíveis ressignificações mais saudáveis. Não se deseja não vivenciar o conflito, mas aprender a lidar com ele, e assim desenvolver um aprendizado mais saudável.

Para a participação de seu/sua responsabilizado/a nessa pesquisa não haverá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final da pesquisa você terá acesso aos resultados através do envio do material via email ou whatsapp, assim como ele estará disponível em cópia juntamente ao Sindilojas da cidade de Montenegro.

Assim, pelo presente Termo de Consentimento de Responsabilizado (TCR) eu, _____ declaro que autorizo a participação de meu/minha responsabilizado/a neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que ele/a será submetido/a, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderá ser submetido/a, todos acima listados. Ademais, declaro que,

quando for o caso, autorizo a utilização da imagem e voz de meu/minha responsável/a de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que ele/a não possa ser identificado/a através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado/a:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar o consentimento de meu/minha responsável/a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de seu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que meu/minha responsável/a não será identificado/a quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de receber informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade de meu/minha responsável/a em continuar participando;
- e) de que se existirem gastos quanto a participação de meu/minha responsável/a nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o responsável pelo participante legal da pesquisa e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (051) 3717- 7680.

Local:

Data:

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável pela
apresentação deste Termo de
Consentimento para o Responsabilizado

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

DADOS INICIAIS

Nome Fictício:

Idade:

Escolaridade

Tempo em que trabalha na instituição:

Tipo de contrato:

Como é seu horário de trabalho?

Cargo/ função desempenhada:

Tem filhos?

Quem mora com você:

QUESTIONÁRIO

1 – O que você entende por trabalho?

2 – Como você percebe a relação das mulheres com o trabalho?

3 – O que significa o trabalho na sua vida? (início da inserção no mercado de trabalho).

4 – Como e por que você foi trabalhar no varejo?

5 – Durante a pandemia você acredita que houve modificações nessa relação (trabalho x mulheres)?

6 – Você acha que existem diferenças entre homens e mulheres no trabalho?

7 – Você já teve a oportunidade de conversar sobre as questões de gênero de trabalho na sua empresa? Como foi? Gostaria que houvesse esse espaço? Qual a sua sugestão?

ANEXO A – Carta de Apresentação



Montenegro, 30 de agosto de 2022.

Ao
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Sr. Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Prof. Renato Nunes

Encaminho para avaliação deste Comitê de Ética em Pesquisa, o projeto "**As mulheres trabalhadoras do comércio e sua relação com o trabalho no contemporâneo**" tendo como pesquisadora principal Geovana Machado da Silva, a ser realizado no(a) cidade de Montenegro/RS. Trata-se de um PROJETO DE PESQUISA DE MESTRADO que envolve seres humanos.

O resultado desta pesquisa retornará aos pesquisados através de um material físico escrito (cartilha) que será enviado às participantes.

Aguardando avaliação de parecer deste Comitê, coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Nome do Pesquisador Principal: Geovana Machado da Silva

Departamento do Pesquisador principal: Mestrado Profissional em Psicologia

Instituição do pesquisador Principal: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Assinatura do pesquisador Principal: Geovana M. da Silva

ANEXO B - Atestado de horas de intervenção

DECLARAÇÃO

Atestamos que Geovana Machado da Silva, aluna do mestrado profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul, completou 135h de pesquisa intervenção conforme previsto no mestrado profissional. A intervenção contou com duas etapas: a entrevista realizada no meu consultório localizado na cidade de Montenegro/RS e um grupo focal que foi recebido junto ao Sindilojas também na cidade de Montenegro/RS. A intervenção que envolveu as seguintes etapas:

- Horas de supervisão;
- Organização de entrevistas;
- Realização de entrevistas;
- Organização/Planejamento de grupo focal;
- Realização de grupo focal;
- Leituras para organização e análise da intervenção;
- Reunião com elaboradores do produto técnico;
- Organização do produto técnico;
- Organização do material utilizado em produto técnico.

Montenegro, 29 de novembro de 2023.



Geovana Machado da Silva

Mestranda em Psicologia - UNISC



Dra. Edna Linhares Garcia

Professora Orientadora – UNISC



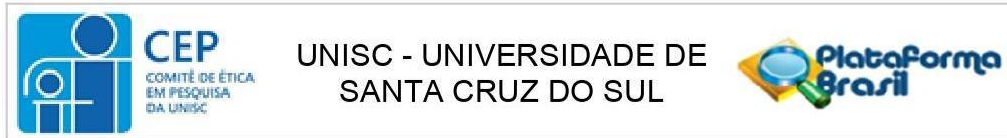
Dra. Karine Vanessa Perez

Professora co-orientadora – UNISC

Nome do responsável na instituição: _____

Assinatura do responsável na instituição: _____

ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS MULHERES TRABALHADORAS DO COMÉRCIO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO NO CONTEMPORÂNEO

Pesquisador: GEOVANA MACHADO DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 62878522.1.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.771.290

Apresentação do Projeto:

Trata-se de análise de resposta ao parecer Não Aprovado número 5.667.747, emitido pelo CEP em 27/09/2022.

“AS MULHERES TRABALHADORAS DO COMÉRCIO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO NO CONTEMPORÂNEO” Neste trabalho, pretende-se refletir, como está a relação das mulheres com o trabalho, considerando os possíveis impactos gerados pela pandemia, lançando um olhar especial, às mães que são culturalmente determinadas como principais cuidadoras e/ou responsáveis pelos filhos, e que, necessitaram se reorganizar, devido às regras de isolamento, buscando possibilidades para manter a sua sobrevivência e o cuidado com os filhos. Este trabalho pretende pesquisar sobre como está a relação do feminino com o trabalho diante do cenário devastador e desafiador imposto pela COVID-19.

Objetivo da Pesquisa:

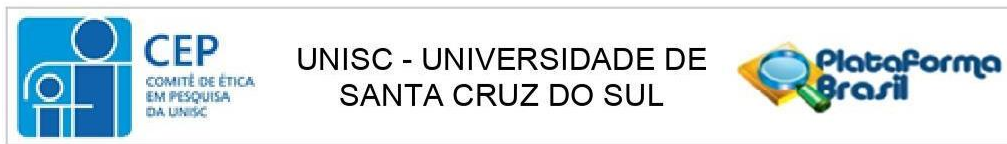
Objetivo Primário:

Entender como as mulheres que trabalham no comércio varejista percebem a sua relação com o trabalho.

Objetivo Secundário:

Identificar como as experiências de trabalho são significadas pelas mulheres no contexto do trabalho.

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306	
Bairro: Universitario	CEP: 96.815-900
UF: RS	Município: SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680	E-mail: cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 5.771.290

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos que podem emergir do contato da pesquisa são: do constrangimento por falar das relações de trabalho e mobilização emocional, principalmente, devido às dificuldades ocorridas no trabalho durante a pandemia. Caso isso ocorra, para minimizar os riscos será estabelecido ao participante, um momento de pausa na entrevista e desta forma, lhe será ofertado um momento de escuta, para que quando se recomponha, possa decidir sobre o prosseguimento da entrevista.

Benefícios:

Os benefícios que podem surgir a partir do ato da pesquisa, podem oportunizar às mulheres a reflexão sobre o seu lugar nas relações do trabalho e ainda pode produzir questionamento sobre qual o sentido do trabalho em suas vidas. Além disso, este estudo visa beneficiar em contribuições teóricas, como: a produção do conhecimento e o enriquecimento dos estudos de gênero.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para aprovação no Mestrado Profissional em Psicologia, desenvolvido pela mestrande Geovana Machado da Silva, orientado pela professora Edna Linhares Garcia e Coorientado pela professora Karine Vanessa Perez. O interesse por esse estudo surgiu através da decisão de olhar para o que estava ao redor, ou seja, escolhi dar ênfase nesta pesquisa para o meu cenário atual de trabalho, no qual trabalho me encontro à frente da Gestão de Pessoas de uma empresa do ramo varejista, onde em seu quadro de trabalhadores, predominantemente, encontra-se a participação das mulheres. Além disso, o ramo do varejo é ainda pouco estudado, sendo que este sofreu grandes impactos, diante das restrições e pelo fechamento durante a pandemia da Covid -19. No que tange às mulheres, cada vez mais é possível perceber que tem se conquistado espaço e participação no mercado de trabalho, deixando de ser limitada à “dona do lar” e responsável diretamente pela criação dos filhos. Os participantes desta pesquisa serão compreendidos por, no mínimo doze (12) mulheres, trabalhadoras do setor do comércio, na cidade de Montenegro/RS, sendo a primeira indicada pela entrevistadora. A amostragem será de caráter não probabilístico e será organizada por conveniência, através do uso da técnica intitulada como bola de neve (snow ball) até a saturação dos dados. A análise dos dados ocorrerá a partir da Análise de Discurso.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306
Bairro: Universitario **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 5.771.290

Recomendações:

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de análise de resposta ao parecer Não Aprovado número 5.667.747 emitido pelo CEP em 27/09/2022. Pesquisador entrou com recurso e justificou ter cometido um erro de digitação.

PROJETO APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

PROJETO APROVADO e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Alerta-se o pesquisador responsável para a necessidade de realizar e encaminhar ao CEP-UNISC, via Plataforma Brasil, os Relatórios Parciais de Acompanhamento da Pesquisa e o Relatório Final de Acompanhamento da Pesquisa. Os formulários para os relatórios estão disponíveis no link do CEP-UNISC (<https://www.unisc.br/pt/pesquisa/comite-de-etica>), aba Documentação, Arquivo "Modelo de Relatório Parcial ou Final de Pesquisa". É o mesmo formulário para ambos os relatórios (as marcações no próprio formulário é que diferem, a depender da natureza do projeto).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Recurso do Parecer	recurso.pdf	09/11/2022 19:09:18		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	recursoo.pdf	09/11/2022 19:09:14	GEOVANA MACHADO DA SILVA	Aceito
Recurso do Parecer	recurso.pdf	06/10/2022 22:08:10		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP.pdf	06/10/2022 22:06:06	GEOVANA MACHADO DA SILVA	Aceito
Cronograma	cronograma_oficial.pdf	06/10/2022 22:05:41	GEOVANA MACHADO DA SILVA	Aceito

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306

Bairro: Universitario **CEP:** 96.815-900

UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7680

E-mail: cep@unisc.br